

Prestes em São Paulo, 1979 (foto: Vladimir Sacchetta)



ENTREVISTA

LUÍS CARLOS PRESTES

por EDGARD CARONE

ENTREVISTA LUÍS CARLOS PRESTES

por Edgard Carone

O depoimento de Luís Carlos Prestes se deu no Rio de Janeiro, nas manhãs dos dias 24 e 25 de março de 1982. As perguntas e respostas foram gravadas e depois transcritas. Infelizmente, o texto não foi revisado pelo entrevistado.

A razão que nos levou a fazer a entrevista foi tentar aprofundar certas questões relativas ao movimento operário entre 1920 e 1945. Apesar do volumoso material existente sobre as tendências ideológicas e organizativas do proletariado europeu e brasileiro, ainda há várias questões que nos impedem de vislumbrar melhor aquele momento. Por essa razão, além desse depoimento, acabei fazendo outros, com João Amazonas, Sebastião Francisco, Costa Correa e outros, que espero publicar, pois eles contêm informações inéditas e ricas sobre as fases de 1920-1930 e 1930-1945, que em parte aproveitei em meus livros *Classes sociais e movimento operário* e *O Brasil na era da crise*.

maio de 1999

24 DE MARÇO DE 1982

CARONE: *Estamos falando do apartamento de Luís Carlos Prestes, no Rio de Janeiro, dia 24 de março de 1982. A primeira pergunta que eu gostaria de fazer é sobre seu passado, seu passado mais próximo ao movimento comunista. Aquele momento em que o senhor sai da Bolívia e vai a Buenos Aires. Ali entra em contato com elementos não só tenentistas, mas brasileiros exilados, como também com o movimento operário da Argentina, do Uruguai. Posteriormente, foi procurado por pessoas do Partido Comunista. Gostaria que o senhor me contasse essa experiência inicial. Como o senhor chegou ao comunismo. Porque em "24 em Santo Ângelo", no seu Manifesto de Outubro de 24, há alguma conotação social. Muitos dizem que essa conotação está ligada a toda uma herança positivista. Existe positivismo nessa herança, por uma pequena preocupação social naquele momento em 1924? E essa herança realmente marcou o senhor, para que posteriormente se voltasse para essa questão? Ou foi um problema da própria Coluna, da verificação real da situação brasileira, e depois o contraste entre a situação brasileira e a situação externa, o que levou o senhor a refletir sobre esse problema? A reflexão é um ponto, e a passagem de uma idéia liberal a uma idéia comunista é outro.*

PRESTES: Para responder bem à pergunta, que é muito longa, a resposta seria também muito longa. O meu passado está preso, sem dúvida alguma, aos movimentos de 1922 e 1924. Eu conspiréi em 1921 e em 1922 com os tenentes que prepararam o movimento de 5 de julho de 1922. Não participei dele porque estava doente, de maneira que a polícia não conseguiu também me prender nem processar, porque não houve nenhuma prova concreta contra mim, embora soubessem que participava do grupo de conspiradores. Fui transferido então para o Rio Grande

do Sul, como um castigo. Mas, na verdade, nessa época todos nós, tenentes, estávamos completamente afastados de qualquer atividade de compreensão do problema social. Não tínhamos noção nenhuma nem das diferenciações de classes sociais, nem de economia política, sociologia, nada disso. E do ponto de vista político éramos ingênuos, éramos crianças políticas. Essa era em geral a nossa posição, de quase todos. Participamos daquele movimento de 1922 contra a candidatura Bernardes, em consequência daquela carta em que dizem que o Artur Bernardes ofendia o Exército. Essa carta foi discutida no Clube Militar. Eu era sócio do clube desde que saí oficial, mas não freqüentava o clube nem as festas. Era de uma família pobre, tinha quatro irmãs, não freqüentávamos as festas do Clube Militar e nunca visitei esse clube. Mas em determinado período eu li nos jornais que o clube se reuniria para examinar as cartas do Artur Bernardes. Se eram verdadeiras ou não. Julguei que nessa situação era meu dever não me omitir. Tomar uma posição. Contra ou a favor do exame dessas cartas. Então, fui ao Clube Militar. Estavam mais de oitocentos oficiais na sede naquele momento. A exaltação política já era muito grande, porque havia um grupo de oficiais legalistas que defendiam, eram partidários de Bernardes. E havia um grupo muito maior, dos elementos mais jovens do Exército, que era contra. As causas disso precisavam ser examinadas do ponto de vista do processo histórico brasileiro todo, da crise do pós-guerra, da Primeira Guerra, que foi mais aguda justamente nos anos de 1921 e 1922. O ano de 1922 é marcado por três acontecimentos importantes: a Semana de Arte Moderna, a fundação do Partido Comunista e o 5 de Julho. E estão mais ou menos relacionados. Eu confesso... fui para o Exército simplesmente porque queria estudar. Quando terminei o meu curso no Colégio Militar, pretendia ir para o comércio, arranjar um emprego qualquer, porque não tinha condições para estudar. Eu queria estudar engenharia, mas não tinha condições financeiras para estudar. E foi sob pressão da minha mãe, que era uma mulher culta e me disse: “Bom, você é jovem e deve aproveitar a juventude...”.

(Entra Dona Maria, esposa de Prestes. Ele a apresenta, e prosseguimos.)

PRESTES: Ela disse que eu devia aproveitar. Apesar de a situação financeira da família ser muito difícil, porque a pensão que ela recebia era muito pequena, ela disse: “Não. Podemos resistir ainda algum tempo, e você vai estudar enquanto é jovem”. Eu podia estudar na Escola Militar. Além de receber um pequeno salário, ainda tinha fardamento, comida, casa, etc. Foi por isso que fui...

Fui educado na base da crítica do Exército. Também da crítica ao positivismo. Meu pai nunca chegou a entrar para a Igreja Positivista, mas tinha simpatia pelo positivismo. E tive um tio, irmão da minha mãe, que foi chefe da Igreja Positivista em Porto Alegre. Era José Joaquim Felizardo. De maneira que eu fui educado na crítica ao positivismo e ao Exército. Ela contava fatos desagradáveis, espancamento de soldados, tudo isso ela era contra. Ela protestava violentamente contra tudo isso. De maneira que eu também não tinha muito ilusão no Exército, mas fui estudar na Escola Militar. O estudo lá era exclusivamente militar, e de Engenharia. Não tive nenhuma noção de sociologia, e muito pouco de economia política, economia política burguesa. E nenhum interesse pela política. De maneira que não lia nem jornal. A minha preocupação única era estudar para terminar o curso o quanto antes. E os outros alunos também. Era estudar ou então deixar de estudar. Mas também não se interessavam por política. Não havia nenhum interesse por política. A única sociedade que eu conheço que existia lá era uma so-

cidade bibliotecária que me ajudou muito, porque comprava livros, porque a biblioteca da Escola Militar era só de livros velhos. De maneira que com essa sociedade, com uma pequena prestação mensal, na Escola Militar nós conseguíamos que comprassem livros modernos. Eu era assinante, tinha cinco ou seis assinaturas de livros. Era muito barato para poder retirar livros. Bem, mas esses fatos são ditos mais para mostrar que não tínhamos nenhuma educação, não conhecíamos nada de economia política. E também em política éramos ingênuos. Comecei a ler jornal e me interessar por política depois que saí oficial.

CARONE: *Nesse caso, sua preocupação social não nasce de uma herança, mas de uma vivência.*

PRESTES: Nasce é de uma certa vivência, é nisso que eu quero chegar. A vivência qual foi? Saí oficial, trabalhei aqui no Rio, conhecia a população aqui do Rio, conhecia um pouco dessa miséria das favelas, mas com a Coluna atravessando regiões mais atrasadas do país é que eu pude ver a miséria em que se encontrava o nosso povo. E que em mim produziu um choque muito sério, eu senti, porque vi coisas excepcionais. Hoje já se vê por aqui, mas naquela época só nas regiões mais atrasadas do Brasil é que se via. Pessoas já velhas, homens com cabelos brancos, carregados de filhos, que passavam anos sem ver uma nota de mil-réis. Não podiam comprar uma enxada, não podiam comprar um machado. Metade da produção era para o dono da terra, porque eles não tinham terra. E a outra metade mal dava para se alimentarem, e não tinham para quem vender, porque os vizinhos plantavam mais ou menos os mesmos produtos. Essa é que foi a realidade que eu vi. E vestidos de trapos, porque os tecidos eram caríssimos... já no interior, nessa época. Quando chegou no norte de Goiás, um camponês desses me perguntou se nós estávamos lutando pela volta do imperador. Porque no tempo do império os tecidos eram mais baratos, eram importados da Inglaterra. Não havia a proteção aduaneira que elevou muito os preços da produção nacional. De maneira que eles perguntavam se estávamos lutando pela volta do imperador. Isso, eu lhe confesso, a mim me causou uma impressão horrível. Como é que em um país tão rico, o povo era tão miserável? Apesar disso, do analfabetismo, da falta de qualquer socorro, o povo no interior do Brasil é quase que anarquista, porque é contra o governo em geral. Porque o governo, para ele, só se apresenta para perseguição policial, imposto e serviço militar obrigatório.

Para o camponês, o jovem que chega aos 18 anos é uma ajuda para a família. E ele vai para o serviço militar obrigatório. Porque os filhos dos ricos não vão para o serviço militar, mas os do camponês vão. De maneira que ele é contra qualquer governo. Todos os governos, eles são contra. Como é contra o fazendeiro também. E daí a admiração que tinham por nós. Mas não tinham



Abraçado ao menino, Cordeiro de Farias. Ao lado de Prestes, Carlos Hansen. Gaíba, 1927.

consciência para ter confiança que fosse possível mudar essa situação. Tanto que uma das ilusões que eu tive era que a Coluna chegando ao Nordeste, onde eu sabia que havia miséria, íamos ter grandes adesões. Não tivemos. Porque o povo nos admirava, nos ajudava às escondidas. Sem se comprometer, podiam nos ajudar. Mas de outra forma... adesões eram muito poucas. Jovens, crianças quase, garotos de 14 a 18 anos, apresentavam-se e entravam para a Coluna. Mas relativamente poucos, muito poucos. Isso foi que me impressionou e me colocou diante do seguinte problema: será que lutar contra o Bernardes é suficiente? A nossa luta, a minha estratégia, o objetivo era exclusivamente esse. Era contra o Bernardes, porque a própria posição política levantada pelo Assis Brasil já em 24 era representação e justiça. Quer dizer, era haver justiça e haver liberdade eleitoral. Mas isso, para nós também não nos interessava. Nós estávamos lutando era contra o Bernardes. E eu disse: “Não vai ser a substituição de Bernardes por outro que vai modificar. Nós estamos diante de um problema social”. Foi aí que eu compreendi. “Estamos diante de um problema social seriíssimo, do qual não conheço as causas e muito menos o remédio.” Os outros companheiros, nós todos conversávamos na Coluna sobre esses assuntos, mas parece que nenhum deles levou a sério essa preocupação em conhecer as causas dessa situação.



Coluna Prestes: Luís Carlos Prestes e membros da Coluna exilados na Bolívia. Gaíba, fevereiro/abril de 1927. (CPDOC/Coleção Ítalo Landucci)

Quando na Bolívia já, a primeira visita que eu tive, fevereiro de 27, foi de Rafael Correa de Oliveira, que me levou grande número de livros, todos eles com dedicatória, de intelectuais, principalmente de São Paulo, inclusive *O estrangeiro*, de Plínio Salgado, e de outros intelectuais, alguns de Afonso Schmidt, alguns livros marxistas. Um livro, o *Manifesto comunista...* foi onde eu tive o primeiro conhecimento

do *Manifesto comunista*. Alguns livros de Lênin, uma coletânea de capa vermelha que havia, umas brochuras de capa vermelha em francês, coletâneas de artigos de Lênin. Aquelas cartas dele de antes da revolução, etc. Alguns artigos de Lênin estão nesses livros, que eu imediatamente comecei a ler e me interessaram, porque eu via já alguma coisa que era racional. Posteriormente, estive com o Astrojildo. Foi o primeiro comunista com quem eu tive contato aqui. Embora já tivesse tido contato com o Partido de Pernambuco. Isso é pouco sabido, mas no meu livro eu me refiro a isso. Quando atacamos Teresina, depois que vínhamos nos retirando, no povoado de Natal, recebemos uma delegação do Cristiano Cordeiro, daquele Josias Leão e o sargento Valdemar. Traziam então uma lista de reivindicações do proletariado de Recife. O tenente Cleto Campelo tinha levantado seu batalhão em Recife e o Partido participaria da luta. E nos convidavam, nos pediam para

que a Coluna se aproximasse... Se estivéssemos de acordo em apoiar, que nos aproximássemos o mais possível de Recife. Então nos comprometemos que, na segunda quinzena de fevereiro (nós estávamos em dezembro de 25), que na segunda quinzena de fevereiro de 26 nós estaríamos o mais perto possível de Recife. Esse foi o primeiro contato. Concordamos com as reivindicações apresentadas pelos trabalhadores de Recife, já dizíamos que isso foi fácil porque o Juarez tinha sido preso. O Juarez era anticomunista já, porque ele era católico e certamente não iria concordar com isso. Mas nós não sabíamos o que era comunismo, não sabíamos nem o cargo que o Cristiano Cordeiro tinha. O Josias me deu uma informação muito sumária e voltaram para Recife. O Josias depois. Mais tarde eu estive muitas vezes com ele em Buenos Aires, e o Valdemar, o sargento Valdemar, morreu junto com o tenente Cleto Campelo. O outro contato foi então com o Astrojildo. Ele foi a Porto Suárez, é junto a Corumbá, divisa com Corumbá. De Corumbá ele foi a Porto Suárez e passamos uns três dias juntos. Dia e noite. As redes armadas, cada um na sua rede, e conversávamos. Mas o Astrojildo era muito calado. A mim me interessava muito conhecer alguma coisa da União Soviética. Como era o comércio? Se havia dinheiro, se não. Eu não entendia nada disso. Então, ele me deu algumas informações. Já havia estado na União Soviética um pouco antes. Mas muito pouca coisa. Eu arranquei algumas coisas dele, e ele se preocupou muito mais em conhecer as minhas opiniões. E eu já revelava, mostrava toda essa miséria, esse problema social que estava muito vivo na minha memória e que era a minha preocupação permanente, de procurar as causas disso. E naturalmente ele me trouxe mais alguns livros marxistas, alguns livros de Lênin, que eu não me lembro quais. Mas ele me levou mais alguns livros, livros do Partido também, folhetos do Partido. Isso foi mais ou menos em dezembro de 1927.

No dia 2 ou 3 de janeiro, *A Esquerda* do Mota Lima publicou uma entrevista do Astrojildo comigo. Ele deu a forma de entrevista a essa conversação que teve comigo. É a opinião dele mais ou menos, as minhas idéias, as possibilidades de marcharmos juntos. Eu conheci essa entrevista, não tenho cópia dela. Passei um ano na Bolívia, até que os soldados voltassem para o Brasil. Sabe que nessa época a posse de Washington Luís cessou o estado de sítio, havia uma relativa liberdade, e foi aí que o povo brasileiro começou a tomar conhecimento maior da Coluna. Então houve subscrições financeiras, nos mandaram algum dinheiro lá. Não tinha-



Coluna Prestes: encontro de Luís Carlos Prestes com o gerente da Bolivia Concessions Ltd., Jean Clouset (2º da dir. para a esq.), na guarnição militar de Gaíba, comandada pelo Capitão César Barrón (1º da esq. para a dir.). À esquerda de Clouset, Lourenço Moreira Lima (o "Bacharel Feroz"), 1927. (CCDOC/Arquivo Osvaldo Cordeiro de Farias)

mos dinheiro algum. Quando entramos na Bolívia, estávamos paupérrimos... A caixa da Coluna era muito pobre. Recebemos algum dinheiro, e com esse dinheiro comprávamos roupas para os soldados, e eles embarcavam e vinham para o Brasil. Não eram perseguidos, e iam para casa. Depois que a maioria já tinha saído, levou um ano, em fevereiro, eu resolvi ir a Buenos Aires. Fui parar lá a pedido dos camaradas como Siqueira Campos, João Alberto, Juarez, etc., que estavam no Brasil e que me pediam que eu fosse para Buenos Aires, que eles queriam me fazer “chefe militar da revolução” no lugar do Isidoro, marechal Isidoro. Eu resisti um pouco porque estava até começando a fazer comércio na Bolívia. O Djalma Dutra, que estava comigo, estava numa cidade no interior da Bolívia a 250 quilômetros de Gaíba, que era o porto do rio Paraguai onde eu estava. Eu trabalhava aí para uma empresa inglesa, Bolivia Concessions, uma empresa de colonização. Consegui trabalho para todos os soldados, pagavam muito pouco. E depois, tinha muita gente doente porque aí havia muito impaludismo, por dia devia ter duzentos, trezentos, quatrocentos com febre. Fabricando cápsulas de quinino. Depois vieram as injeções. Então tínhamos que dar injeções, e viramos médicos, nós dois. Eu e o Dutra. Curávamos não só os nossos, como os índios chiquitanos que viviam na cidade de Santo Corazón, onde estava o Dutra. E estávamos virando quase que caciques dos chiquitanos. Já tínhamos tanto prestígio que podíamos ficar como caciques deles. E o pobre-coitado do Dutra parece que adivinhava que saindo de lá ia morrer. E morreu no dia 3 de outubro.

CARONE: *Estupidamente.*

PRESTES: *É, stupidamente.*

CARONE: *Ele estava fazendo uma patrulha, foi surpreender o soldado, apareceu de repente, e o soldado o matou.*



*Djalma Dutra, Prestes e Cordeiro de Farias.
Santo Corazón, 1927.*

PRESTES: Ele mesmo deu a ordem e depois a infringiu. Ele era muito distraído. Era um homem de muito valor, mas muito distraído...

Bem, fui para Buenos Aires. Na viagem atravessamos o Chaco, eu não podia passar pelo Brasil, de maneira que tive que atravessar o Chaco na fronteira boliviana e na fronteira paraguaia. Sabe que, para atravessar o Chaco, monta-se em boi em vez de ser em cavalo? Porque o cavalo tem o casco inteiro, não se pode depois tirar a lama.

Os paraguaios foram muito gentis comigo. Fui a um “fortim paraguaio”. Já havia ameaças de guerra entre a Bolívia e o Paraguai. Desci o rio Negro e aí, na cidade de Rio Negro, tomei um vapor para Assunção e trem para Buenos Aires. Chegando a Buenos Aires, procurei a sede do Partido. Mais para ver se tinha livros. Comprei alguns livros aí na sede do Partido e tomei uma assinatura do jornal do Partido. Chama-se *Internacional*. Tinha o título em letras vermelhas. Mas não tive nenhum contato aí direto

com nenhum elemento. Mais tarde – Codovilla nessa época estava na Europa –, depois que o Codovilla chegou da Europa é que eu tive o primeiro contato com ele, e alguns também com o Ghioldi. Mas relativamente muito poucos. Porque a posição do Partido na Argentina era de considerar que os intelectuais eram elementos que deviam ficar fora do Partido pra ajudar o Partido, contribuir, mas não recrutavam para as fileiras



Prestes (o 1º da esquerda para a direita) e Miguel Costa (o 3º) em Buenos Aires.

do Partido. Não havia um esforço de recrutamento. Pelo menos eu não senti sobre mim nenhum desejo de me atrair para o Partido da Argentina. Fui convidado para um Ato pela Paz. E quem estava lá, o primeiro brasileiro que encontrei lá, além do Leite Ribeiro, que trabalhava e morava em Buenos Aires já havia alguns anos, o primeiro político com quem tive contato foi o Paulo Nogueira Filho. Não sei se conhece os livros dele...

CARONE: *Conheço, e muito... Memórias de um burguês progressista. É uma série que tem cinco volumes.*

PRESTES: Foi o primeiro político brasileiro com quem eu tive contato, o Paulo Nogueira Filho. Depois eu visitei o Assis Brasil, em Melo. Fui até Melo no Uruguai fazer uma visita ao Assis Brasil. O Assis Brasil esteve mais de uma vez em Buenos Aires. A partir de então, a minha preocupação era estudar. Mas eu era um autodidata. Era um autodidata que procurava livros de economia. Li muita coisa de economia burguesa. E ao mesmo tempo estava lendo alguns livros marxistas. A vida era muito perturbada devido ao grande número de asilados que existia ainda, brasileiros exilados, e dos visitantes que vinham do Brasil, sabendo que eu estava em Buenos Aires vinham me visitar. Tomava realmente muito tempo. Além do que, tínhamos que cuidar da vida, cuidar de ganhar a vida. Estávamos numa situação péssima, formamos uma firma comercial, muitos brasileiros nos prometeram mandar produtos, mas não chegava quase nada. O único produto que chegava lá era cabo de vassoura [*risos*], que nos dava um trabalho medonho e não nos dava dinheiro nenhum. Mais tarde, isso já nos fins de 30, é que ganhamos alguma coisa com o café. Porque nessa altura o Washington Luís não permitia que uma safra de café fosse exportada sem vender a anterior. Os fazendeiros que queriam vender imediatamente o seu café, não se conhece esse episódio... mandavam o café para Porto Esperança. Desciam os rios Paraguai e Paraná e iam a Buenos Aires. Então nós por aí começamos a receber café do Brasil que vinha pelo rio Paraná. Eu era o encarregado da firma, de ficar no escritório, cuidar das relações sociais, etc. E o Leite Ribeiro fazia o trabalho no porto, de receber os sacos de café, armazenar e tirar amostras – as latinhas de amostras que mandávamos para Santos. O café era vendido em Santos, e nós recebíamos a ordem de desembarque para Nova Orleans, Nova York, etc. Tínhamos uma boa comissão, e foi aí que ganhamos algum dinheiro. Com a fraude do café saindo do porto errado.

Em dezembro de 28 recebi um telefonema muito estranho de um brasileiro que dizia que tinha uma empresa de engenharia e me convidava para trabalhar na empresa dele. Nossa situação era difícil ainda, e eu então fui procurar o grupo. Era uma empresa que fazia pavimentação de estradas, contratos com o Estado, com a Argentina. O grupo tinha uma filial em Montevideú. A direção da empresa era de um inglês, um uruguaio e desse brasileiro, Dr. Botelho – Furtado Botelho. Ele me ofereceu para ir a Santa Fé, pois ele tinha um contrato em Santa Fé de pavimentação de umas avenidas, para asfaltar. Aceitei. E fui então para Santa Fé.

Em Santa Fé não havia ninguém para me perturbar. Então, aí é que eu pude estudar, realmente estudar [risos]. Boas livrarias, pude comprar livros marxistas, já estava me inclinando pelo marxismo. Só aí eu via uma explicação para os fatos, não só pela atividade do Partido da Argentina, eu lia o jornal deles, que explicava as causas da miséria, do imperialismo, do latifúndio, etc. E também pelo que eu ia lendo dos livros de Marx, Engels, Lênin, etc. Aí foi que eu li *O capital*. Eu trabalhava das quatro da madrugada ao meio-dia. Fiz um horário especial para trabalhar dessa forma, porque os operários de Santa Fé – eu cheguei em pleno verão, em janeiro de 29 –, os operários caíam por insolação. Às duas horas da tarde faz quarenta e dois graus na sombra. Então eu conversei com os operários e eles concordaram comigo de fazer um horário diferente, das quatro da madrugada ao meio-dia, e eu dava quinze minutos gratuitos a eles para que eles tomassem um café, um mate, e continuávamos o trabalho. Tanto que o patrão, o Botelho, no primeiro momento protestou por eu ter feito isso, quinze minutos sem desconto do salário. Mas depois verificou que o rendimento era muito maior. Quer dizer, eu fui um bom explorador, explorava bem a mão-de-obra.

Então, depois do meio-dia tomava meu banho, almoçava e tinha toda a tarde e a noite para estudar. Aí eu li *O capital*, li muitas obras de Lênin, li o *Anti-Duhring* de Engels, li Feuerbach, tudo isso eu li em Santa Fé. E cada vez mais eu me convencia de que a única solução estava realmente no marxismo. Agora, naturalmente a minha tendência era procurar uma solução reformista. Eu sabia que uma solução revolucionária... eu estava preocupado com a minha família... a minha vida seria toda ela perturbada. Mas eu tinha um pensamento lógico, já, e suficientemente conseqüente para compreender dentro de pouco tempo que o reformismo não resolvia nada. Daí resolvi realmente me dedicar ao comunismo e já marchava. Em meados de 29, eu já estava convencido de que a única solução era a solução comunista.

CARONE: *O senhor falou que leu o Anti-Duhring, leu Lênin, leu O capital, leu Marx, etc. Em que línguas o senhor leu? Essa literatura na Argentina naquele momento já estava muito traduzida?*

PRESTES: Já, em espanhol. Eu li em espanhol e já havia muita coisa em espanhol. *O capital* já estava traduzido, o *Anti-Duhring*, todos esses livros já estavam traduzidos. E lia alguma coisa em francês. Santa Fé tem muito boas livrarias e se encontravam livros em português, livros em espanhol, livros em francês.

O ano de 29 foi o ano de preparação da campanha eleitoral de 30. Às visitas que eu recebia, a todas elas e aos jornalistas eu já dava soluções que se aproximavam das soluções marxistas. Eu não era marxista, e estava muito longe de ser, e não tinha pretensões de ser... Principalmente sobre a reforma agrária, dei numerosas entrevistas aos jornalistas, sobre a necessidade da divisão do latifúndio, da entrega das terras aos camponeses. Isso consta nos jornais daquela época. Também

contra o imperialismo. A primeira vez que falei em público foi num cinema em Buenos Aires, em defesa da paz. Já atacávamos e criticávamos o imperialismo violentamente. Porque aqui no Brasil só o Partido Comunista tratava do imperialismo. Mas o Partido era muito limitado, muito pequeno, não tinha repercussão nenhuma, enquanto nos outros países da América Latina, nos países que falam espanhol, nas ex-colônias da Espanha, em todos eles a luta antiimperialista já era bastante mais desenvolvida do que aqui no Brasil. Tanto que, quando mandei meu manifesto ao Juarez Távora, que não era um homem ignorante, a resposta que ele me deu sobre o imperialismo qual foi? Ele disse assim: “Ah, isso de imperialismo, antiimperialismo, isso é bobagem de comunista”. Mostrava o atraso cultural do nosso povo. Porque o Brasil era mais atrasado culturalmente do que os outros povos da América Latina. Enquanto o Mella, por exemplo, fundou o Partido Comunista em Cuba e depois, já em 28, ele convocava uma grande conferência internacional contra o imperialismo na América Latina, que se realizou em Bruxelas, em 1928.

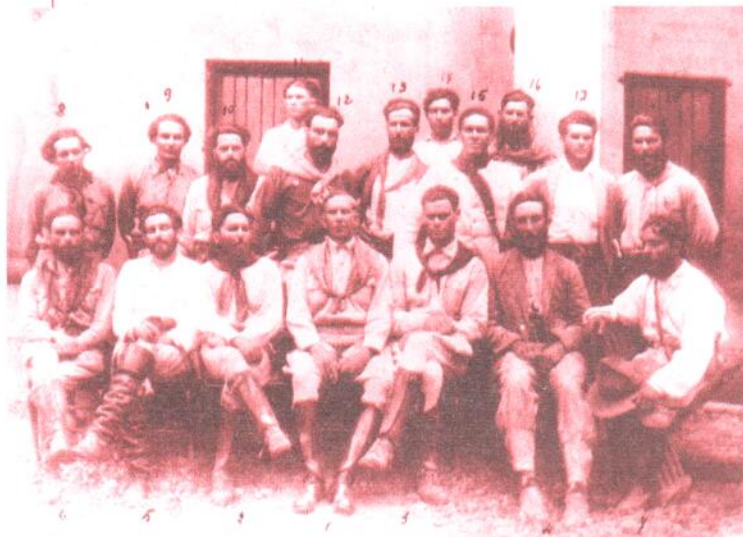
CARONE: *Que nome o senhor falou?*

PRESTES: Mella. José Antônio Mella. É um dos fundadores do Partido Comunista de Cuba... De maneira que aí eu já estava com essas posições. As entrevistas que eu dava já davam essa idéia. Já havia uma diferença entre as minhas posições e as posições dos tenentes. Foi mais ou menos em julho de 29 que recebemos um telegrama de Carlos Lima Cavalcanti, solicitando apoio à candidatura de Getúlio. Estávamos lá em Buenos Aires naquela época – o Juarez Távora, o Siqueira Campos, o Dutra e eu. Discutimos o problema do telegrama. O Carlos Cavalcanti tinha estado em Buenos Aires e havia levado uma mala de livros marxistas. Ele era fazendeiro, usineiro. Depois teve lá o irmão dele, o Caio de Lima Cavalcanti, também. Diversos políticos estiveram lá, eu não posso enumerar todos com quem tive contato nessa época. E jornalistas também. Aquele Barreto Leite esteve lá, e outros.

Nossa resposta então foi a seguinte: eu e o Siqueira tomamos posição radicalmente contrária à candidatura de Getúlio. O Juarez apoiava, e o Dutra vacilou. De maneira que a nossa opinião foi vencedora, a minha e a do Siqueira, e passamos um telegrama violento para o Carlos Cavalcanti, dizendo que jamais apoiáramos a candidatura que estava ligada a forças que tinham sempre perseguido a Coluna, que tinham sempre perseguido os revolucionários, etc. Não me lembro dos termos do telegrama. Mas parece que há um livro que publica esse telegrama, passado para o Lima Cavalcanti nessa época. Não sei se é o do Hélio Silva.

Então, desde esse primeiro momento eu fui contra a candidatura de Getúlio. Em seguida, outro fato importante que se deu nesse período foi a chegada de Paulo Lacerda com o Basbaum a Buenos Aires, para falar comigo, para me oferecer a candidatura do Partido à presidência da República, na lista do Partido Comunista. Eles iam apresentar candidatos, e eles eram contra a candidatura de Getúlio, de Júlio Prestes. Apresentaram o programa do candidato, quer dizer, um programa eleitoral do Partido. Eu me lembro das palavras que disse a eles: “Estou de acordo com o programa que vocês apresentam, mas tenho fidelidade aos tenentes, tenho primeiro que conversar com os tenentes. Enquanto eu não puder conversar com eles... Quero ser leal com eles até o fim. Não posso aceitar de forma alguma essa candidatura. O único motivo é esse. Vocês me critiquem...” Me lembro bem de dizer ao Paulo Lacerda: “Vocês me critiquem pela minha inconseqüência, porque estou de acordo com o programa mas não aceito a candidatura pelo

Partido”. Lembro-me da resposta do Paulo Lacerda: “Não, a você nós nunca criticamos, nós não vamos criticar”. Eu disse: “Acho que devem criticar”. A crítica deles a mim naquele momento era útil na luta contra os tenentes, eu ainda tinha a grande ilusão de poder ganhar alguns tenentes para as minhas posições, alguns companheiros.



Alto comando da Coluna Miguel Costa/Prestes. 1) Miguel Costa; 2) Luís Carlos Prestes; 3) Juarez Távora; 4) João Alberto; 5) Siqueira Campos; 6) Djalma Dutra; 7) Cordeiro de Farias; 8) José Pinheiro Machado; 9) Atanagildo França; 10) Emídio da Costa Miranda; 11) João Pedro; 12) Paulo Krüger da Cunha Cruz; 13) Ari Salgado; 14) Nélson Machado; 15) Manuel Lima Nascimento; 16) Sadi Vale Machado; 17) André Trifino Correia; 18) Ítalo Landucci. Porto Nacional, Goiás, outubro de 1925. (Iconographia)

Fui a Porto Alegre. Entrei clandestinamente no Rio Grande do Sul, porque não tinha nem documento. Quando o Aranha, que era secretário do Interior, soube, ficou admirado. Eu já estava em Porto Alegre e fui recebido por Getúlio à meia-noite no Palácio do Governo. Na época era Presidente do Estado. Infelizmente, as testemunhas desse encontro já morreram. Foram o Siqueira Campos e o Osvaldo Aranha, que participaram do encontro.

Falando com Getúlio, desde o primeiro momento eu disse: “Estou aqui não para apoiar a sua candidatura. Mas meus companheiros dizem que o senhor quer fazer uma revolução. Então, quero lhe dizer o que eu entendo por revolução. Eu sou revolucionário, e, se o senhor quer fazer uma revolução, estamos aliados. Mas quero lhe dizer o que eu entendo por revolução”. E fiz uma exposição da revolução agrária antiimperialista como os comunistas levantavam... Como cristão-novo, o sectarismo era bastante sério, a minha posição era bastante dura. Getúlio ouviu com paciência. Eu falei uma hora e tanto, duas horas, expondo toda a posição revolucionária dos soviets. Naquela época, a palavra de ordem de poder eram os soviets, o poder soviético de operários, camponeses, soldados, marinheiros.

Essa ilusão eu tive até março de 30 – de ainda poder ganhar alguns companheiros para as minhas posições. Foi esse o problema lá em Buenos Aires. Depois, mais tarde, em 29, a pressão dos tenentes sobre mim era imensa, porque todos eles já estavam com Getúlio. Diziam então que eu devia falar com Getúlio. Vacilei muito. Eu não queria, porque achava que apoiar Getúlio era substituir uma oligarquia por outra. Não ia trazer nada em benefício do povo. Eu via como o Partido via, da mesma forma. Mas ainda com a ilusão de ganhar alguns tenentes para o meu lado. E, na esperança de conseguir desmascarar Getúlio, resolvi ir a Porto Alegre.

Depois que eu terminei, Getúlio fez uma frase: “O senhor tem a eloqüência da convicção”. E atendeu a tudo o que eu solicitasse. Então, o João Alberto ficaria no Rio Grande, conspirando, ele me daria dinheiro, outros iriam para outros pontos, a mim me mandaria recursos em quantidade para eu poder comprar armamentos. Porque eu dizia que queria comprar para colocar onde eu quisesse. Eram posições todas para ver se Getúlio cedia, se desmascarava. Mas ele era uma enguia. Prometia tudo. Então a questão era ter um banqueiro em Buenos Aires ou Montevidéu para receber o dinheiro que ele iria mandar. Voltei para Buenos Aires, e aí há um episódio: o Aranha me deu o primeiro passaporte falso da minha vida. Foi o do Rio Grande. Fui alistado como eleitor e desgraçadamente devo ter votado em Getúlio, embora não estivesse lá [risos]. E, ao mesmo tempo, recebi o passaporte com o nome de João de Souza. Era o nome do meu primeiro passaporte falso, tirado no Rio Grande e dado pelo Aranha.

Voltei para Buenos Aires, nada de dinheiro nem de informação nenhuma. Nada, absolutamente nada. E os tenentes cada vez mais getulistas. Em novembro, deu-se um episódio, que agora há ainda poucos dias o *Jornal do Brasil* procurou desmentir, naquela coluna “Jornal do Brasil Informa”. Desmente uma parte que está nesse livro. Os jornais de Buenos Aires publicaram que o Maurício Lacerda declarara que apoiava Getúlio por ordem minha.

CARONE: *O senhor rompeu com eles?*

PRESTES: Não, eu já tinha rompido com ele antes. Mas não era isso. Ele se declarava, na Câmara Municipal, soldado de Prestes. E o Brandão, que era também vereador, aparteava e, toda vez que ele apoiava Getúlio, dizia: “O senhor diz que é soldado de Prestes; Prestes não apóia Getúlio. Como é que o senhor apóia?”. O Maurício ficava indignado. Já na véspera do encerramento da legislatura, que é em 15 de novembro, ele fez essa declaração, de que era por ordem minha que apoiava Getúlio. Então, passei um telegrama para o Silo Meireles e o Cordeiro de Farias, que estavam aqui no Rio, eram meus representantes no Rio. Através deles é que eu me ligava com os tenentes.

CARONE: *Isso está nos Farsantes da revolução, do Miguel Costa Filho.*

PRESTES: É, o Miguel Costa estava em Buenos Aires e devia saber disso... O telegrama que eu passei, textualmente, era: “Desmintam de maneira categórica o Maurício Lacerda”. Recebi um telegrama de resposta: “Aguarde carta”; e poucos dias depois chegava a carta. E a carta era toda para justificar a posição do Maurício... que ele era um bom companheiro, que eu não fizesse isto. Era uma injustiça, que seria um golpe. Então, no dia 22 de novembro – guardo bem essa data – eu escrevi uma carta. Era uma lauda só, datilografada sem espaço, em que eu dizia que a divisão entre nós já existia, mas que eu seria leal até reunir todos eles e passar o cargo que eles tinham me dado – eles tinham me feito Chefe Militar da Revolução em Buenos Aires. Essa carta foi entregue, mas parece que a polícia tirou uma cópia. Só pode ter sido a polícia, pois mais tarde, quando meu manifesto de maio foi publicado, os tenentes diziam que tinham sido surpreendidos com a minha posição. Então o Geraldo Rocha, da *A Noite*, publicou o “fac-simile” da carta de novembro, de maneira que foi assim que eu cheguei até o comunismo. Sabe-se que a 6 de setembro deu-se o golpe de Urriburu na Argentina. Isto já na década de 30. E na noite de 2 de outubro a polícia foi me prender no apartamento em que eu vivia com minha família. Uma semana antes minha mãe e minhas

irmãs tinham chegado a Buenos Aires. Eu estava numa posição boa, ganhando bem como engenheiro nessa empresa, então mandei chamá-las – estava longe delas desde 1923. Então, a polícia “convidou-me” a comparecer à chefatura. Fiquei lá numa sala e à meia-noite o chefe de polícia, que era um almirante da ditadura de Urriburu, me chamou. Fui à presença dele e ele me disse: “O senhor disse que os generais argentinos são agentes do imperialismo americano, subordinados ao imperialismo”. Eu disse: “Não me lembro de ter dito isto...”. Ele voltou-se para trás, abriu um cofre e tirou um documento. Era uma entrevista que eu havia dado para a United Press, à Rosalina Cunha Lisboa – que era considerada muito amiga dos tenentes, era uma apaixonada do Siqueira Campos, mulher do vice-presidente da United Press, o Artur Muller –, sobre um golpe que havia acontecido na Bolívia e os acontecimentos que precediam um golpe na Argentina. Eu disse: “Só darei esta entrevista por escrito e com a condição de que seja publicada na íntegra”. Eu falei que o movimento boliviano tinha sido sob influência do imperialismo americano e o que se preparava na Argentina também era, que os generais argentinos estavam preparando um golpe sob as ordens do imperialismo. A entrevista não foi publicada, mas estava nas mãos do chefe de polícia. Diante disso eu tinha que dizer alguma coisa, então pedi a ele que visse a data da entrevista. Ele disse: “Mas o que tem a data?” Era anterior a 6 de setembro. Disse: “Eu não tenho culpa do que o que eu disse se verificasse”. Assim ele me ameaçou até de fuzilamento, porque eu dei uma resposta ofensiva. A Rosalina agiu, ela estava em Buenos Aires, atuou junto ao próprio Urriburu e conseguiu com que eu fosse libertado, mas com a ordem de passar imediatamente para Montevidéu, pro Uruguai. Fui expulso da Argentina e tive de deixar a família em Buenos Aires. Então eu compreendi que a oferta de emprego para essa empresa já tinha o dedo do Getúlio. Porque essa empresa tinha uma filial em Montevidéu, eu já tinha feito trabalhos para ela, mas quando fui expulso e passei em Montevidéu, me cortaram o emprego.

CARONE: *O senhor teve contato com Getúlio, ele ficou de mandar dinheiro. Ele mandou?*

PRESTES: Mandou mais tarde os 800 contos. E eu vou lhe dizer como: eu estive outra vez com Getúlio em janeiro, já na década de 30, na esperança de desmascará-lo dessa vez. Mas ele ainda deu uma infinidade de desculpas. Disse que o Antonio Carlos ia mandar dinheiro. Voltei para Buenos Aires. Em 1º de março foram as eleições. Borges de Medeiros proclamou a vitória de Júlio Prestes. De maneira que eu estava disposto a romper. Mas o Miguel Costa é que foi a Porto Alegre e deixou-se fotografar junto com o Aranha e outros – era muito pequeno-burguês, ingênuo. Eles nunca haviam conseguido isso comigo. Ninguém queria menos a luta armada que o Getúlio. Ele queria o prestígio da Coluna e que meu nome ganhasse as eleições de 1º de março. Mas não consegui esse apoio. Quando Miguel Costa voltou, sentou ao meu lado e fez um relatório do que ele tinha feito. Eu disse: “Agora, a partir desse momento, a ruptura está feita, eu não tenho mais nada a ver com vocês. Eu vou chamar os outros companheiros aqui a Buenos Aires para comunicar a eles isso e entregar o posto... eles que dêem a quem quiserem”. Nasceu então meu Manifesto de Maio, escrito exclusivamente por mim, sem nenhuma contribuição nem do Partido da Argentina nem do Internacional. Nem sabia que existia o Bureau Latino-americano lá em Buenos Aires nessa época. Chamei então o Siqueira Campos, o João Alberto, o Dutra, todos a Buenos Aires. Quando me reuni com eles, eu disse: “Minha opinião está aqui” e li. Li e ficaram todos calados. Menos um, o João Alberto, que era mais audacioso, desses homens francos, companheiro da Coluna.

CARONE: *Na minha opinião, ele era o melhor de todos.*

PRESTES: Não, o melhor era o Siqueira Campos. Tinha talento, um pensamento muito profundo, era irônico e um homem valente. O João Alberto era relativamente ignorante. Não tinha grande base teórica. O Siqueira Campos tinha um valor extraordinário e era mais próximo de mim. Tanto que eu me encontrava junto com ele naquele momento. O João Alberto disse abertamente: “Tudo que você diz aí é verdade, mas agora chegou a nossa hora e não nasci para apóstolo”. O Siqueira pediu então para discutir comigo pessoalmente. Levamos bem uns dez dias discutindo. Eu trabalhava durante o dia, de maneira que a noite nos sentávamos e ele queria me convencer de que eu devia participar do movimento, que



*Coluna Miguel Costa/Prestes na Bahia. Assinalados
1) Siqueira Campos e 2) André Trifino Correia.
(Iconographia)*

não devia publicar aquele manifesto. E eu a mostrar que ele estava equivocado. Eu perguntava: “Como é que você vai marchar aí com o Borges de Medeiros, Bernardes, Epitácio, com toda essa cambada?”. “São os primeiros que eu fuzilo”, ele dizia. Eu dizia o contrário, que ele é que ia ser fuzilado: “Qual era a vantagem para o povo se você morrer nesse momento? Considera qual é a força que nós temos? O que nós tínhamos eram os tenentes. Eu sou um general sem soldados, não tenho mais nenhum, porque todos passaram-se para o Getúlio”. O Silo Meireles desertou nessa época. Como ele era meu correspondente no Rio, quando eu publiquei o manifesto ele achou que era seu dever ficar junto comigo. E depois ele avançou para o comunismo também. Mas os outros todos estavam contra. Alguns estavam em Buenos Aires e logo depois da vitória de 3 de outubro voltaram para o Brasil. Eu não, não vim me apresentar, embora anistiado. Ali houve anistia de fato, tanto que voltaram para o Exército e receberam todos os vencimentos atrasados. O Siqueira não pôde me compreender e nós discutimos. Então ele me disse: “Você me faz um favor? Não publica este manifesto senão daqui a quinze dias, só depois de quinze dias”. Ele ia fazer uma loucura. Liderava um grupo de jovens, entre os quais Josias Leão, Maurício Goulart, Nelson Tabajara de Oliveira e outros. Eles fabricavam bombas de dinamite dentro de um apartamento em São Paulo. Compravam pedaços de cano de duas polegadas, já cortados, colocavam nos cartuchos de dinamite, não sei onde é que eles arranjavam, tarugos, escopetas, preparavam toda a bomba. Depois compravam umas malinhas célebres em São Paulo, arrumavam aquelas bombas todas na mala e iam à casa dos elementos dirigentes do Partido Democrata – que apoiava a candidatura de Getúlio. E Siqueira dizia: “Eles não fazem nada, não nos dão nem dinheiro, pelo menos servem para isto”. Guardavam em suas casas as bombas preparadas pelos jovens. Isso com o Souza Queiroz, o Francisco Morato e outros assim. Minha discussão com ele era acerca disso. Então ele tomou um avião que, não se sabe como, levou-o à morte no Prata.

Depois que li o manifesto, o João Alberto telegrafou para o Aranha dizendo que desta vez eu rompia mesmo. Então, neste momento, o Getúlio mandou os 800 contos. Veja minha situação: eu tinha um banqueiro em Montevidéu que receberia o dinheiro do Getúlio. Quando fiquei sabendo do recebimento, pensei: “O que eu vou fazer com esse dinheiro?”. Devolver para o Getúlio era uma ingenuidade, porque o dinheiro não era dele, era do povo brasileiro. Mudar minha posição eu não ia. Então fiquei com ele... até que houve um incidente com o Miguel Costa. Ele estava em contato com dois húngaros, fabricando lança-chamas – é bom que se saiba, porque se falava muito de estrangeiros no movimento da Aliança Libertadora e dos comunistas ligados a eles –, e já tinha gasto algum dinheiro com isso. Quando eu disse que não dava o dinheiro para a luta do Getúlio, o Miguel Costa se desesperou, chegou a dizer até que me dava um tiro. Eu disse: “Não, essa despesa que você fez eu pago”. Depois mais tarde esses húngaros foram para Porto Alegre fabricar lança-chamas que serviram para tomar quartéis na cidade. Participaram da luta de 3 de outubro. Não havia escrúpulos contra os estrangeiros, quando estavam do lado deles.

O dinheiro que recebi entreguei para o Bureau do Secretariado Latino-americano para a Internacional Comunista como contribuição para o trabalho do movimento aqui na América Latina. Getúlio havia me dito que o dinheiro havia sido recebido do Antonio Carlos – que tinha vendido uma usina elétrica de Belo Horizonte para a Light por quase nada. Eu me preocupei em ver a escritura dessa venda no Cartório do Belizário Távora. Estava assinada por Virgílio de Melo Franco. Eram 3.000 ou 4.000 contos, dos quais uma parte foi parar nas mãos de Getúlio. O dinheiro que ele me mandou. A usina havia sido vendida para reverter o dinheiro para o movimento revolucionário. Talvez naquela época ele tivesse roubado menos do que agora, porque agora é mais fácil.

CARONE: *Hoje é mais descarado.*

PRESTES: Eu não sei se respondi sua pergunta, mas a origem foi essa. Eu continuei estudando marxismo. O meu Manifesto de Maio foi chamado de comunista. Não era. Eu estava muito longe disso, ainda não era um comunista. Consegui

emprego de capataz em obras públicas em Montevidéu. Era um trabalho pesadíssimo, mas eu continuava lutando contra Getúlio. Fazia volantes e mandava para o Brasil. Eles em geral ficavam na fronteira, porque os uruguaios não deixavam passar. Em Montevidéu o Partido fazia grandes manifestações de rua, com o comparecimento de milhares de pessoas; eu participava de todas. Tive contato, nessa época, com o secretário do Partido, o Martinez. Recebi, então, do Partido uruguaio e do Bureau Latino-americano, uma oferta para ir para a União Soviética como engenheiro contratado.

Número del retrato y credencial debe ser el mismo



Fotografía tomada el 19 de I de 1935

123700
Seyf.
Harry Berger

Pulgar derecho



C. D.

62343
72222

Identidade argentina de Arthur Ernst Ewert (codinome Harry Berger), membro da Internacional Comunista que participou do levante de 35 no Brasil. (Iconographia)

No Bureau, conheci o “Rústico”, que era como chamavam o companheiro Guralsky. Depois ele foi substituído por Berger, que tinha sido dirigente do Partido Comunista Alemão, tendo deixado seu cargo no Partido para Thaelmann. Berger é chamado de conciliador por Stalin, em um artigo seu, porque teve uma opinião divergente da maioria no VI Congresso da Internacional Comunista: achava que o Partido Alemão devia romper ideologicamente com a social-democracia, porém mantendo a unidade tática, pois os operários alemães já eram netos dos social-democratas; Thaelmann dizia o contrário. Voltando ao assunto, Guralsky fez grandes elogios ao meu manifesto, dizendo que era um grande passo para a luta revolucionária, para o Partido Comunista. Mais tarde, eu soube que ele ficou indignado com a reação do Partido, pois haviam publicado um documento criticando meu Manifesto de Maio, considerando que eu já era ou poderia ser um futuro Chang-Kai-Chek. Um documento que eu sabia que existia, mas não conhecia.

Neste momento chegaram a Buenos Aires os trotskistas, Mario Pedrosa, Aristides Lobo, Miranda. O Miranda era professor de primeiras letras na Leste Brasileira, a estrada de ferro na Bahia ligada à Britain West em Pernambuco. Depois ele participou da luta a Salvador influenciado pelos trotskistas, quando os tenentes tomaram a cidade em 1930. O Agildo e o Juarez chegaram a Salvador e fizeram aquela grande queima de bondes. Foi a cidade onde houve maior reação popular.

Em algumas coisas eu não concordava com os trotskistas... em suas críticas sobre Stalin, porque eu achava que Stalin era realmente o homem que havia iniciado os planos. Mas havia uma palavra de ordem dos trotskistas com a qual eu concordava: o governo do proletariado. Pensava, então, como podia ajudar o Partido, como contribuir, como fazer com que a massa realmente ajudasse. Esse era o sentido do meu manifesto. Mas quando ele tornou-se público, Guralsky mandou chamar-me novamente. Disse que eu havia dado um passo atrás. Conversávamos muito, mas era difícil, já que a ditadura havia se estabelecido na Argentina, no Uruburu – eu ainda estava na Argentina nesse momento. Nós nos encontrávamos de automóvel e a conversa era sobre o Partido Bolchevique, os populistas, os economistas, os mencheviques. Ainda não havia história escrita do Partido, então ele me transmitiu tudo. Havia acompanhado Trotsky em 1927, era muito inteligente e tinha uma tendência esquerdista. Depois, ele foi também para Montevidéu com o Partido Argentino na clandestinidade, não pôde resistir. Meu contato com ele ficou mais íntimo, conversávamos longamente. Aprendi muito com ele. Em sua experiência de vida, havia sido mandado pelo Partido para a Alemanha, preso em Hamburgo, condenado à morte e depois perdoado. Mais tarde, foi para a França, para dar assistência ao Partido Francês, indicando Thorez para secretário do Partido. Foi preso também na época em que estive lá, como espião. Incentivou-me muito a ir para a União Soviética. Impus uma única condição: que pudesse ir com minha família. Tudo certo, embarcamos separadamente, minha mãe e minhas irmãs foram para Hamburgo e eu fui para Havre, eu num navio francês, elas num avião alemão. Nos encontramos em Hamburgo e então rumamos para a União Soviética, onde começava uma vida nova.

CARONE: *Antes de o senhor me contar sobre a União Soviética, vamos tirar mais alguma coisa sobre esse depoimento da LAR e do Bureau Sul-americano. Duas perguntas: a LAR teve alguma extensão além da Argentina, isto é, o senhor tinha pessoas ligadas a ele que tentassem*

contato com o Brasil? Como funcionava o Bureau Sul-americano? O senhor falou de Guralsky, Berger. Eu queria mais informações nestes dois planos.

PRESTES: Eu confesso que da vida interna do secretariado eu não conhecia muita coisa. Eu conhecia o homem, o indivíduo, que era o Guralsky e depois o Berger. Agora, naturalmente, os secretários do Partido do Uruguai e da Argentina participavam também do secretariado latino-americano.

CARONE: *Do Bureau?*

PRESTES: Sim, esse Bureau era em geral constituído por esses dois representantes do Comintern e por secretários dos Partidos mais próximos. É só isso que eu posso dizer. Houve alguma preocupação com o Partido do Peru, pois lá havia grande adesão das massas e o Partido cresceu bastante. Há documentos do Bureau Latino-americano para o Peru, em especial um folheto que conheci, que era bastante esquerdista.

CARONE: *O Bureau se preocupava muito com o Brasil? Pergunto isso por que tenho um único número do Boletim Sul-americano do Bureau Internacional, que é o número 14/15, do qual os dois documentos estão reproduzidos no meu livro. Esse número 14/15 é de 1931. Tenho o Trabalhador Latino-americano, que tinha edição espanhola, depois foi publicado em português, e havia outras publicações do Bureau em português, exatamente destinadas à ligação com o Partido Comunista Brasileiro.*

PRESTES: Eles se interessavam por todos esses Partidos, inclusive o brasileiro. Mas a crítica feita, logo que o Guralsky chegou a Buenos Aires, ao Partido Argentino foi muito violenta. Tanto que o Codovilla não a aceitou e deixou a direção do Partido. Quem aceitou a crítica foi Ghioldi, que assumiu a secretaria do Partido no lugar de Codovilla. Astrogildo e Brandão também foram muito criticados. Brandão por que se baseou nos seus livros, principalmente *Agrarismo e socialismo*, fazendo uma severa crítica. Os dois, chegando ao Brasil, renunciaram à direção do Partido. Foi uma sucessão de nomes na direção até chegar ao Fernando Lacerda, e deste para o Miranda.

Agora, uma das preocupações do Secretariado Latino-americano foi mandar Inês, que era companheira do Guralsky, ao Brasil, onde ela deu um curso no Rio de Janeiro, do qual participou o Miranda. Ele era um homem que tinha uma boa instrução, falava bem o francês, era professor da Leste Brasileira – como eu já disse – e logo em seguida foi secretário do Partido na Guanabara, antigo Distrito Federal.

A atividade do Bureau era esta, de ajudar os Partidos aqui na América Latina, criticando e orientando na sua constituição. E também elaborando esta revista.

CARONE: *Tinha também a Revista Comunista, da qual eu reproduzo várias coisas. A revista é de Buenos Aires, ligada ao Bureau, que tinha um grande número de publicações. Tinha a Correspondência Sul-americana, que saiu na primeira fase de 1926 a 1927 e na segunda, se não me engano, de 1928 a 1931/1932.*

PRESTES: Devo ter lido esses materiais, dentre tantos... Mas vamos falar sobre a LAR. Foi fundada, como eu disse, em julho, sem nenhuma repercussão no Brasil. O Partido tomou uma posição contrária e eu não recebi nenhuma adesão brasileira, nem de Buenos Aires, nem de Montevideú. Examinando do ponto de vista autocrítico, eu vi que não havia nenhuma ligação de massa, não havia como

organizar nada no Brasil. Os tenentes festejavam a vitória e tomavam posição de apoiar o governo.

Em janeiro de 1931, os jornalistas perguntaram a Getúlio se eu podia voltar ao Brasil. Getúlio disse que eu devia voltar, estava anistiado. Mas ele se esquecia de que no início do mesmo mês, o Luzardo tinha pego o Brandão e toda sua família e expulsado do país num navio cargueiro. Ele dizia que eu podia voltar, mas tinha a pretensão de me comprar com os galões de capitão. Eu não me venderia pelos galões. Se eu tinha as mesmas idéias que Brandão e ele era expulso do Brasil, por que eu voltaria?

Então, em março de 1931 eu resolvi dissolver a Liga por meio de um documento que explicava o por quê. Chamava também meus amigos, aqueles que realmente gostavam de mim, a apoiarem o Partido Comunista, mesmo sem eu fazer parte dele.

CARONE: Um pequeno parêntese: o senhor acabou sendo aceito pelo Partido em Moscou. Mas eu vi uma fotografia de 1945 onde o senhor assina a caderneta do Partido. O senhor entrou no Partido em 1934 através da Internacional Comunista ou se tornou um membro do Partido em 1945, no momento em que o senhor saiu da cadeia?

PRESTES: A Voz Operária, a Classe Operária, que era o jornal do Partido, do dia 1º de agosto de 1934, publica a minha adesão ao Partido.

CARONE: É uma notícia de crítica, na verdade.

PRESTES: Sim, mas está lá. Eu fui aceito no Partido. Está na primeira página. Isso foi ordem do Comintern, que na época influía em todos os Partidos. O Comintern era na verdade um órgão coletivo, formado por membros de todos os Partidos. Dirigia, influía e podia dissolver e intervir nos assuntos internos de qualquer partido.

Quando cheguei em Moscou, conversei com Manuilsky, que falava muito bem o francês. Eu lhe disse que havia sido recebido com um mau cartaz, de general latino-americano. Ele então me falou que trabalharia um ano lá e depois entraria para o Partido. Naquela época, estrangeiro entrava para o Partido Bolchevique; somente depois eu poderia ser transferido para o Partido Brasileiro. Trabalhei todo o ano de 1932 num truste de construção, conhecendo todas as sabotagens que eram feitas, não só por técnicos franceses, ingleses, que eram os piores. Os melhores engenheiros lá, os mais fiéis, ainda eram os americanos, e eram os mais populares, tinham ligação estreita com a massa. Talvez eu seja o estrangeiro que melhor tenha conhecido os aspectos ainda ruins da União Soviética naquela época. Eu cheguei lá no 1º Plano Quinquenal, que tinha se iniciado em 1930 e foi realizado em quatro anos. Posso lhe garantir, foi uma epopéia, porque o povo soviético passava até fome... toda a orientação do Partido era para a obtenção do aço, construção de altos-fornos, para carvão e petróleo. O Stalin dizia: “Nada disso se come”. Havia dias em que não se tinha nada para comprar. Os dirigentes do Partido iam às grandes fábricas explicar aos operários por que não havia nada. E ganhavam a maioria. Mas havia uma oposição, uma minoria que combatia, que era contra o governo. Quando anunciavam que Stalin ia fazer mais um discurso, a massa mais contrária, mais opositora, dizia: “Já sabemos, lá vem mais um aperto. Algo de ruim vem atrás disto”, porque cada discurso dele era mais uma exigência. Além disso, estava também

se tratando da coletivização da agricultura. Os agitadores do Partido eram assassinados pelos *kulaks* nessa época. Eu era engenheiro e tinha um talão especial, com o qual passei três meses tomando chá sem açúcar – mesmo a União Soviética tendo sido sempre uma grande produtora de açúcar, pois todo ele era utilizado na fabricação de bombons para exportação. A União Soviética tinha relações comerciais com poucos países, sendo que o único que dava crédito a ela era a Alemanha de Weimar, antes de Hitler. E, assim mesmo, a curto prazo. A União Soviética não era a grande produtora de ouro que é hoje, só havia as minas de Lena de 1900, na Sibéria. Dessa forma, todo intelectual que visitava aquele país naquela época saía dizendo: “Mas o socialismo é isso?”; homens como o Gide, que escreveu um artigo de crítica, e o Maurício Medeiros, cujo livro também critica. Mas isso porque eles não viam a fundo a questão, o esforço do povo soviético e a importância do Partido. Stalin parecia adivinhar, pois, em seu discurso de 1931, ele dizia que se em dez anos não tivessem uma indústria à altura da do Ocidente, seriam esmagados. Em 1941 foi o ataque de Hitler à Alemanha.

Eu lamentei muito, pois preferia ter aprendido o russo mais facilmente, em contato com a população, do que ser um engenheiro e ter um tradutor ao meu lado. Eu me sentia um membro da elite ali, apesar de saber que os engenheiros, com quem eu podia conversar em francês, viviam em condições horríveis, sem eu entender como podiam desenvolver algum trabalho intelectual vivendo daquela forma. Já havia bastante bibliotecas onde estudar, mas as casas eram verdadeiros cortiços, com camponeses, operários, engenheiros, dormindo um do lado do outro em cubículos.

Os camponeses, então, deixavam-me angustiado. Faltava-lhes até calçado para vestir no inverno... no lugar eles usavam uma fita de feltro com uma fita de palha e ficavam com aquilo por seis meses, durante todo o inverno. As filas eram imensas, mas pouco a pouco a coisa ia marchando. Eu me lembro do problema do leite, por exemplo: quando chegamos à União Soviética, os poucos que produziam leite vendiam pelo preço que quisessem, mas isso foi mudando e as granjas do Estado passaram a vender leite mais barato, fazendo esses primeiros produtores desaparecerem. Falando do pão: eu tinha direito a 800 gramas de pão, que era feito só de casca de trigo, porque toda a farinha branca era exportada. Tudo era usado para fazer ouro. Exportavam tudo o que produziam; importar não interessava. Minha irmã Clotilde mesmo passou por algumas experiências junto às costureiras operárias que protestavam... mas ela explicava-lhes que as condições das costureiras aqui no Brasil eram muito piores, e tentava ajudar o Partido como podia.

Em quatro anos se construiu o Plano Quinquenal, e foi uma epopéia. Durante esse período eu tinha professores de economia política, de filosofia, de materialismo dialético, que iam ensinar-me em minha casa. Eu, então, procurei o Manuilsky para poder entrar para o Partido. Eu percebia como era difícil para todos eles compreenderem a situação da América Latina; tinham grandes especialistas sobre a Europa, os países capitalistas adiantados e os países coloniais e semicoloniais da África e da Ásia, mas tudo isso era diferente do que tínhamos aqui. Nós éramos livres, mas continuávamos a ser dominados pelo imperialismo. Nenhum dos partidos, mesmo o próprio Mariátegui – que era um dos marxistas com obra mais avançada – era capaz de explicar a situação daqui.

Quando procurei Manuilsky, ele me disse: “Agora Stalin decretou uma depuração no Partido. Está suspenso por um ano o recrutamento. De maneira que você terá de esperar mais um ano”. Mas consegui minha transferência do truste de engenharia para uma organização do Comintern, que era o Instituto Agrário do Comintern. Ali eu trabalhava como assessor de informações: lia os jornais da América Latina e informava sobre a luta pela terra. Mas o que mais me interessava era assistir às reuniões no Comintern, do Secretariado Latino-americano do Comintern com os delegados que vinham da América Latina. Eu compreendi que isso era a prática. Eles traziam experiência deles, expunham e depois se discutia e o camarada Sinani, que era o secretário então, concluía. Em geral, ele era um homem inteligente, um homem culto.

Para entrar no Comintern, precisava uma pessoa lá de dentro concordar em vir buscá-lo na porta. Além disso, eu não tinha informações, pelo contrário, estava sempre procurando as que vinham da América Latina. Sempre ficava sabendo quando chegava alguém através do Brandão, que morava no Hotel Lux, o hotel do Partido. Quando isso acontecia, um funcionário do secretariado que transformou-se em meu amigo – e que é até hoje – deixava-me entrar. Lembro-me bem do Braz Roca: quando ele assumiu o secretariado do Partido de Cuba, não passava de um sapateiro atrasadíssimo. Seu primeiro informe era quase o de um analfabeto no marxismo, mas em poucos meses ele cresceu politicamente. Ficou na União Soviética durante uns três ou quatro meses. Nesse período também conheci dirigentes de outros países, da Venezuela, do México.

Pois bem, passei o ano de 1932 no truste, depois fui para o Instituto Agrário e em fevereiro de 1934 eu procurei novamente o Manuilsky. Mas Stalin tinha prorrogado a depuração indefinidamente. A depuração era uma cena muito interessante: chegava uma comissão do Comitê Central, reunião de massas numa fábrica, todos os trabalhadores, comunistas ou não, participavam dela. Cada comunista era obrigado a ir à tribuna e fazer a sua autocrítica, dizer o que ele havia feito nos últimos anos de atividade no Partido. E eu vi muitos membros do Partido, de cabeça já branca, chorarem na tribuna porque qualquer operário se levantava e dizia: “Isto que você está dizendo é mentira”. Para muita gente essas depurações foram necessárias. Manuilsky sugeriu que eu entrasse então para o Partido Brasileiro e escreveu para eles, mas as respostas eram sempre contrárias: diziam que eu era prejudicial ao Partido por ser de origem burguesa.

Em julho eu o procurei novamente, não consegui antes porque era muito difícil falar com ele. Ele se interessou com minha conversa, quis saber como foi a marcha da Coluna, alguns episódios, etc. e mandou vir a correspondência para saber qual era a última carta vinda do Brasil. A resposta era novamente contrária. Ele então cansou de discutir com o Partido e resolveu: “Não, você vai entrar para o Partido Brasileiro. Vou mandar ordens para lá para que publiquem que você é membro do Partido”. Em 1º de agosto eles publicaram. Agora, esse carnê, é o que nós distribuimos pela primeira vez, o Partido sempre foi clandestino. Distribuindo o carnê do Partido, eu assinei o de número 1, que é o meu carnê.

CARONE: *Mas isso foi em 1945. Havia carnê na década de 20.*

PRESTES: Em 1945 é que foi a distribuição do carnê do Partido. Antes não tinha. Só houve na década de 20, quando foi fundado. Mas logo em seguida o Partido foi posto na clandestinidade e o carnê teve de ser inutilizado.

CARONE: *Só mais uma pergunta nesse sentido. O senhor não entrou na Internacional Comunista para dela passar para o PCB, como me contaram?*

PRESTES: Não, eu entrei diretamente para o Partido com uma ordem do Manuilsky, do Comintern. Em 1935 eu estava aqui participando do VII Congresso da Internacional Comunista, quando fui eleito membro da Comissão Executiva do Comintern, da III Internacional. O Miranda também foi.

CARONE: *Bom, agora... (gravador desligado)*

* * *

PRESTES: ... Eu me referia às lições que eu recebi em 1932 e 1933, com os professores soviéticos. Dentre eles eu destaco o nome de Mirachevsky, que morreu na guerra contra o nazismo. Era um rapaz de muito talento. Mas todo esse ensino era feito à luz das decisões das resoluções do VI Congresso da Internacional Comunista que havia se realizado em 1928. Sabe-se que neste Congresso as decisões que foram tomadas hoje são criticadas, mas Togliatti mesmo, que era um talento, só criticou, só fez autocrítica depois do XX Congresso. A social-democracia, por exemplo, passou a se chamar social-fascismo. O VI Congresso considerava que o principal inimigo dos comunistas, naquela época de ascensão do nazismo, era a social-democracia. Aprovou-se uma tese neste Congresso sobre os países considerados por eles como semicolônias, os países subdesenvolvidos da América Latina, dominados pelo imperialismo. Achávamos que o principal inimigo aqui para nós era o nacional-reformismo. Tanto que em 1956, depois do XX Congresso, do qual participei, escrevi um artigo de crítica ao nacional-reformismo, quando a corrente nacionalista já estava se desenvolvendo ao nosso lado. Não víamos que o inimigo principal era o imperialismo, era a oligarquia dominante. Isso tudo eu aprendi lá. Está muito claro no Manifesto de 5 de Julho da Aliança Nacional Libertadora, que eu escrevi. Era necessário apresentar uma estratégia, uma solução para os problemas brasileiros. E a solução era chamada por nós de revolução

agrária e antiimperialista. Lutávamos imediatamente já pela desapropriação das empresas imperialistas, contra o latifúndio. De maneira que muitos aliados nossos da Aliança Nacional Libertadora, depois do manifesto, tendiam a romper conosco porque não concordavam com aquilo. Eles eram antifascistas, mas não eram antiimperialistas nem antilatifundiários, entre eles Hermes Lima, por exemplo, chegou até a estar preso durante alguns meses. Esta era a orientação que eu recebi lá. Agradecendo tudo que me ajudaram, eu avancei muito na compreensão do marxismo, mas realmente foi uma compreensão falsa do caráter da revolução nos países da América Latina e, particularmente, no Brasil. Porque não havia especialistas sobre isto..., agora é que está se aproximando um pouco mais dos



Carlos Lacerda lê o manifesto de Prestes (Aliança Nacional Libertadora) em 5 de julho de 1935. (Iconographia)

problemas da antiga América do Sul. Mas em geral, em quase todos os países da América Latina, a orientação é ainda de uma revolução nacional-libertadora, como se o país fosse colonial ou semicolonial. Enquanto o nosso país, já muito antes disso, não tinha mais nada que ver. Em 1945 o livro do Lênin que nós mais citamos foi o *Dois táticas*, que foi escrito em 1905. Comparar a Rússia autocrática de 1905 com o Brasil de 1945 era realmente um dogmatismo terrível. Esses foram nossos erros. E consequência disso é que chegamos a sessenta anos de Partido sem termos um Partido do proletariado e revolucionário. É um Partido em crise, como sabe. Mas de qualquer maneira a minha estada na União Soviética foi muito útil para mim porque eu vi o que é possível fazer com o socialismo. O que está sendo comprovado agora por Cuba também. Eu tenho dito agora, em conferências que faço, como a Cuba socialista resolveu os problemas que nenhum governo da América Latina resolveu. Em quinze, dezesseis anos, soube resolver problemas da instrução pública, da saúde pública. A mortalidade infantil em Cuba está em dezenove. De mil crianças que nascem, só dezenove morrem. E está baixando de ano em ano. Enquanto em Recife chega a 250 e no Ceará a 300. Nenhum país da América Latina resolveu esses dois problemas, nem Argentina, nem Chile, nem Peru, nem México, nenhum deles. E o socialismo na União Soviética também enfrentou esses dois problemas e resolveu.

CARONE: *O senhor saiu da Rússia em 1934. Quais são as últimas resoluções tomadas pelo senhor e pela Internacional Comunista, na pessoa de Manuisky, que determinaram essa viagem? E como ela foi organizada? Qual foi o roteiro? E qual o sentido desse retorno?*

PRESTES: É necessário dizer antes que estava convocado para o VII Congresso da Internacional Comunista em 1934. Mas com os acontecimentos na Alemanha em 1933, com a posse de Hitler, nazismo, etc., o congresso foi transferido para 1935. A viagem entre a América Latina e a União Soviética, nessa época, era muito demorada, porque era por via marítima. De maneira que quando houve a transferência do ano do congresso e a viagem foi resolvida, alguns delegados latino-americanos já estavam em viagem para a União Soviética e alguns já tinham até chegado lá. Do Brasil foi uma delegação relativamente grande: Miranda, Bangu, Elias dos Santos, Caetano Machado e um representante da Juventude Comunista que eu não me lembro do nome. Essa delegação foi ouvida em particular por Manuisky, durante cerca de uma semana de trabalho da manhã à noite. Era Miranda que fazia os relatórios acerca da situação no Brasil, e viemos a saber que ele falava muita coisa falsa. Era a preocupação de exagerar sobre as coisas do Partido, sobre suas relações com a classe operária, com o movimento militar e as classes armadas. De tal forma que impressionava o Manuisky, porque Miranda apontava para qualquer parte do mapa do Brasil e dizia com satisfação o número de bases existentes, o número de membros do Partido. Elias quis retificar muita coisa do que Miranda havia dito, e a briga entre eles tornou-se uma coisa pessoal. Eu assisti a todas as reuniões e a impressão que tive era de que a situação no Brasil era de grande influência do Partido no movimento operário, de influência no meio militar. Eu queria participar da ação, da luta aqui no Brasil – minha decisão já era de permanecer um ou dois anos na União Soviética e depois voltar. Sabendo dessas informações, eu insisti em voltar – é bom que fique bem claro que não foi o Comintern que quis minha volta. Minha mãe e minhas irmãs ficaram então em Moscou. Uma militante com grande experiência de trabalho clandestino veio comigo ao Brasil, era Olga. Nos casamos e ela veio comigo. O documento que me

deram era muito mau. Eu ligo, hoje, isto com a influência muito grande que já existia no Comintern do trotskismo. Muitos elementos do Comintern foram traidores; traíram e parece que prejudicaram os movimentos dos comunistas. A palavra de ordem que se levantava na União Soviética ainda nessa época quando eu saí de Moscou ainda era um “governo soviético”, que é o que estava ainda nas teses para os países coloniais e semicoloniais. Quando chegamos em Amsterdã, recebemos informes das prisões que começavam na União Soviética através de contatos que Olga tinha com soviéticos de Leningrado. De lá, fui para Paris, para ver se conseguia os documentos mais facilmente, mas os que me chegaram também eram muito maus; para fazer uma viagem com segurança, eles não serviam. Um companheiro meu que tinha relação com os anarquistas me disse que eles arranjavam isso para mim. Fui apresentado então ao cônsul de Salazar em Rouen. Fui a Rouen e consegui o documento legal, passaporte legal, Antonio Vilar, sabe? Para mim e minha companheira. Com esse documento viajamos para o Brasil. Ainda fui aos Estados Unidos para tornar o documento ainda mais válido para a América Latina, com carimbo do consulado, entrada nos Estados Unidos, saída de lá, etc. E viajei de avião, fui bater no Chile, fui pelo Pacífico, de lá para Buenos Aires, Montevideú e então para o Brasil, num avião-correio francês. Saltamos em Florianópolis e viemos para São Paulo de automóvel. Tínhamos um contato: Café Paravente, Olga foi até ele. Consegui entrar no Brasil sem visto diplomático porque tinha um conhecido no consulado brasileiro. O visto eu consegui com ele.

CARONE: O visto era dos Estados Unidos para o Brasil?

VIA

Folha de Identificação para Pedido de Visto em
Passaporte-Extranjeiro

Nome *Antonio Vilar*

Nacionalidade *Paraguense*

Idade *40 ann* Estado civil *Casado*

Profissão *Comerciante* Sabe ler e escrever? *Sim*

A que porto do Brasil se destina? *Praia de Joazeiro*

Pessoas da família que devam constar do mesmo passaporte (esposa e filhos menores de 16 annos).

NOME	PARENTESCO	IDADE
<i>Maria Regina Calça</i>		<i>30 ann</i>

1. CLASSE **TURISMO**

Se for maior de 60 annos de idade:
Tem renda própria para custear seu sustento no Brasil?
No caso negativo, qual a pessoa que por si se responsabiliza, mediante fiança?

PHOTOGRAPHIA 1.

Pedido de visto de entrada no Brasil, Consulado do Brasil em Buenos Aires, para Luís Carlos Prestes e Olga Benário. (Iconographia)

em minha casa, que ficava parecendo uma reunião de estrangeiros. Olga traduzia o alemão de Berger para mim. Nenhum vizinho desconfiava que podia ser a casa de um dirigente comunista. Quando o Berger foi preso, em 1935, a minha companheira estava indo à sua casa para levar uns documentos do Partido que eu havia recebido. Mas quando ela chegou à esquina da rua da Torre com a rua em que morava o Berger, que era bem próxima à nossa, percebeu que havia alguma

PRESTES: Não, o visto era da Argentina para o Brasil, porque tinha o visto até Buenos Aires. Chegando ao Brasil, o Paravente me levou para uma casa de descanso que ele tinha, em Santo Amaro. Fiquei lá algum tempo esperando o Miranda, que já sabia de minha chegada através do Paravente. Miranda não tinha nada preparado, nem transporte para mim até o Rio de Janeiro. Eu mesmo tive de arranjar um automóvel para ir ao Rio, onde aluguei uma casa na rua Barão da Torre. Nessa época, o Berger estava no Rio, nos encontramos

coisa errada. Ela viu ele ser preso. Nós imediatamente deixamos a casa e fomos para o apartamento do Barón, que era uma pessoa de confiança. De lá ainda mudamos para uma casa de segurança que eu tinha na avenida Nossa Senhora de Copacabana. A polícia estava batendo a minha procura, conseguiu localizar minha casa na Barão da Torre e assaltou-a. Eu organizei com o Partido para que arrumassem uma outra casa na zona leste do Rio, menos visada. A casa era na rua Honório, 279; foi o Barón que me levou de carro até lá.

Com a prisão de Berger eu fiquei numa situação bem difícil. Em vésperas do levante, um companheiro soviético que era ligação com o governo soviético foi à minha casa na Barão da Torre e me disse que assumisse o comando. Ele revelou que não tinha confiança no Miranda, que eu tomasse o poder, pois tinha mais confiança em mim. Parecia que era uma confiança que o Manuisky tinha e transmitia a ele. Este companheiro foi preso, mas seus documentos eram muito bons – era simplesmente um comerciante de passagem pelo Rio – e a polícia teve de liberá-lo. Porém, passaram a persegui-lo e ele não tinha para onde ir. Foi então morar comigo, mas depois mudamos ele e a sua companheira para outra casa. No dia 5 de março a Polícia Especial bateu em minha casa; tinham procurado por mim em toda parte. Eu sabia de alguma coisa, porque nós tínhamos elementos da Coluna colocados na polícia por João Alberto. E através do Aristides Leal, que tinha sido da Coluna, eu recebia algumas informações, algumas delas falsas. Mesmo sabendo que eles me procuravam no bairro do Méier, eu não quis mudar para outra casa. Passaram quarenta dias chuvosos batendo o Méier, insatisfeitos também porque Filinto Muller havia prometido muita coisa e não cumpriu. Me arrancaram da casa de pijama e eu fui diretamente para a Polícia Central, junto com Olga. A ordem deles era para matar, mas vacilaram quando Olga se interpôs. Na Polícia Central, fomos separados, eu fui mandado para a “Ordem Política e Social”. Cordeiro de Farias fez-me uma visita para comprovar que tinham capturado a mim mesmo, pois eu já estava afastado há muito tempo e pensavam que eu ainda estava em Moscou. Neste mesmo dia, fui ouvido pelo Bellens Porto. Assumi inteira responsabilidade por tudo e não tinha mais nada a dizer. Então ele disse: “Então o senhor escreve, assina isto”. Eu disse: “Não assino coisa nenhuma na polícia” e não assinei. Fui mandado então para a Polícia Especial, onde fui colocado numa situação vexatória, num quarto onde não havia nem serviço sanitário. Apesar de tudo, consegui boas relações com pelo menos a metade da Polícia Especial; no início eu estava privado de jornais, mas depois de uns quinze dias, raramente passava um dia sem lê-los... os próprios policiais me entregavam o jornal. Foi num desses dias que li nos jornais que Olga tinha sido expulsa. Correu também um boato que na Semana Santa os marinheiros iam se levantar e atacar a Polícia Especial, de maneira que colocaram uma metralhadora em meu quarto e os soldados da Polícia Especial diziam que a ordem do Queirós, que era o comandante, era que se houvesse qualquer ataque ao quartel a primeira pessoa a morrer seria eu. Estava nessa situação há alguns meses; foi fundado um Tribunal de Segurança e mais tarde eu recebi um cartão do Dr. Sobral Pinto, apresentando-se como meu advogado ex-offício, designado pela Ordem dos Advogados. Eu não aceitei, não queria nem a visita dele. Disse que não precisava de nenhum advogado, que eu mesmo me defendia, mas Sobral era muito insistente. Minha mãe, que estava no México, quando soube que ele era meu advogado, escreveu a ele, mandando, por seu intermédio, uma carta para mim. Só então eu o recebi e ele disse que, independente de tudo que eu pensava, tinha o dever de me defender. Pouco a



Luís Carlos Prestes na Polícia Especial.
Rio de Janeiro, 1936. (Iconographia)

pouco, ele começou a fazer-me visitas, consultando sobre algumas coisas que ele queria incluir na defesa, sempre acompanhado ou do Queirós ou do vice-comandante da Polícia Especial. Em 1936 mesmo, o Tribunal reuniu-se numa sala da Polícia Especial e eu fui levado até ele. Reclamei da situação em que haviam me deixado, sem jornal, sem lápis, sem nada. A sessão do Tribunal de Segurança foi isso mais ou menos, a acusação feita pelo Himalaia Virgulino. Eu ridicularizei porque me mostraram o decreto, um folheto do

governo criando o Tribunal de Segurança e dando até os vencimentos dos juízes. Mais tarde, em fevereiro de 1937, fui levado a um Tribunal Militar, também reunido na Polícia Especial; então eu soube que minha deserção tinha sido desarquivada. De acordo com a lei eu tinha que responder ao processo por ela. O Conselho de Guerra já havia se reunido uma vez e resolvido pela minha absolvição, mas eu precisava estar presente, de maneira que foi uma coisa irregular. Chegando ao Superior Tribunal Militar, este mandou que fosse anulada a absolvição e mandou fazer outra reunião com a minha presença. Eles quiseram evitar que eu aparecesse em público por isso, porque eu poderia falar sobre a Olga, etc. Então me absolveram sumariamente. Reuniram-se novamente o coronel, todos os oficiais, etc. Eu dizia que não queria um advogado me defendendo e o coronel pediu que eu tivesse calma, que tudo ia ser resolvido, quase me dizia que eu estava absolvido. Mas eu queria utilizar a palavra, usar a oportunidade para defender minhas idéias, torná-las públicas, mesmo que minha platéia fosse só de policiais. Depois de muito insistir e de uma anedota que contei – e que deixou meu advogado fora de combate –, eu pude me defender e pedi que me fosse dado papel e lápis em minha prisão, que eu pudesse escrever para minha mãe no México e conseguir alguns documentos que possuía lá, na França e na União Soviética. Eram documentos indispensáveis à minha defesa, que podiam mostrar porque Getúlio me considerou desertor. O Tribunal, então, teve de me conceder isso. Então o Dr. Eugênio Nascimento, que era outro advogado, passou a me visitar, corresponder-se com minha mãe e os documentos chegaram: o documento que comprovava a venda da usina elétrica de Belo Horizonte, um jornal, o *Correio da Manhã*, em que Getúlio aparece com toda a família em uma solenidade no Teatro Municipal, depois da vitória do movimento de 1930, onde meu nome foi citado seguido de aplausos – depois que Getúlio viu o prestígio que eu tinha ganho e ele tinha perdido tratou de arrumar uma forma de me prender se eu colocasse os pés no Brasil: a deserção; ele só usou a deserção como pretexto. Era um absurdo me acusar de deserção, só em estado de guerra e não acontecia isso no Brasil, para eu ter de voltar e cumprir o serviço militar. De forma que a defesa era muito simples. O Tribunal só se reuniu outra vez no 1º de outubro de 1937, mas nesse mesmo dia o Filinto Muller mandou que se revistasse meu quarto e tiraram de mim todos os documentos. Protes-

tei contra isso, então o Tribunal oficiou a Chefatura de Polícia, mas o Filinto insistia em não me devolver os documentos. Só fui recebê-los de volta em 1941, mas só fotocópias, não os originais. Todas as vezes que eu comparecia ao Tribunal, reclamava da minha situação e da de Berger, que havia sido preso antes de mim, de nosso isolamento já de anos.

Houve um outro episódio, no dia 8 de setembro de 1937, portanto, antes do Estado Novo. Depois da Macedada, eu fui levado ao Superior Tribunal Militar para confirmar a sentença do Tribunal de Segurança. Então nos encontramos eu, o Berger, o Agildo Barata, o Agliberto, todos fomos julgados em uma única reunião do Superior Tribunal Militar. Me retiraram da Casa de Correção, o Queirós e o Emílio Romano, que era o delegado da Ordem Política. Eu levava uma carta que queria entregar a Sobral Pinto e que comecei a ler em frente ao Tribunal. Como estava cercado só de policiais, comecei a saltar e, a pretexto de revista, deram-me socos. Eu reagi e levei um soco aqui na cara, um talho, muito sangue e se não fosse um policial colocar seu corpanzil entre mim e meus agressores, eu caía. Quiseram que eu fosse para a enfermaria, não permiti. Entrei no Tribunal com a cara toda sangrando, um espetáculo terrível. Fui o primeiro a ser chamado; falei quase meia hora, ultrapassando o limite de 10 minutos que tinha. Pedia ao Tribunal garantias para mandar buscar documentos na Europa. Dizia que eu havia recebido dinheiro de Getúlio. Eu aproveitei essa questão, porque o Getúlio e o Osvaldo Aranha sobre esse assunto nunca disseram nada, mas corriam os boatos. Eu disse que eles diziam que a Aliança Nacional Libertadora tinha recebido dinheiro do estrangeiro. O dinheiro tinha passado pelas mãos deles, cabia a eles revelarem se tinha vindo de Moscou ou de Nova York. Foi um escândalo, mas eu havia feito de propósito para causar sensação e colocar o problema na ordem do dia. O Aranha era embaixador em Nova York e os repórteres foram até ele. Ele disse que o Getúlio não tinha nada que ver com isso, que ele era o único responsável.

Com o Estado Novo, mudou a direção da Polícia e da Casa de Correção. Durante o período em que o Dr. Lassance dirigia eu tive certa facilidade em receber jornais, livros, correspondência de minha mãe, mas depois disso a coisa se tornou muito difícil. A minha vida era ler; mantinha uma vida muito disciplinada. Pela manhã, me levantava, me lavava, me vestia, não ficava de pijama na cela, porque era algo desmoralizante. E meu ataque permanente ao Canepa. O edifício que eu estava era circular, era a enfermaria da Casa de Correção, que ficava na rua Frei Caneca. E o Macedo Soares mandou reservar quatro cubículos que voltavam-se para um pátio interno, que era dividido por sua vez em dois setores pequenos. A única maneira de receber sol era essa, mas o sol batia nas paredes dos cubículos, pintadas de ocre, e refletia, fazendo-me sofrer um calor terrível. E olha, vivi em Santa Fé com 42° na sombra. Mas eu tinha minha vida, trabalhava, tinha lápis e papel, dispunha dos recursos indispensáveis para poder fazer um trabalho intelectual. A grande obra que recebi nessa época foram as obras completas de Diderot, que minha mãe mandou – eram vinte volumes para eu poder ler descansadamente –, e também alguns livros brasileiros. Há muitas notas minhas acerca desses livros nesse período, que os colegas do Partido quiseram até publicar, mas eu não permiti.

A minha prisão se agravou com o Estado Novo. O Canepa começou a perceber que eu recebia algo mais que só comida, e que mantinha contato com a Casa de Detenção – mandava aos camaradas presos lá algumas opiniões minhas acerca das resoluções do Partido em agosto de 1937 e da situação na China.

CARONE: *É nesse momento que o senhor mantém correspondência com Severo Fournier?*

PRESTES: Não, foi depois do golpe de 1938. Em maio de 1938 assaltaram o Palácio Guanabara e o Fournier foi para ficar preso na enfermaria, mas do lado de fora desse isolamento. Ele estava já ameaçado pela tuberculose. Tentando correspondência, eu mandei um bilhete para ele e depois trocamos umas quatro cartas. Minha opinião era sempre sobre os integralistas, isto eu defendia junto com Miranda, e eu dizia: “Entre os integralistas há muitos patriotas equivocados. Qual é a situação para o brasileiro hoje?”. Antes do movimento de 1935 havia choques violentos com os integralistas. E eu achava que a tática devia ser outra, mais de procurar ganhar na base dos integralistas alguns elementos para o nosso lado, porque, na minha opinião, todos estavam sob a influência de calúnias sobre a União Soviética. Então o Getúlio estava cada dia mais desmoralizado por não haver cumprido nada do que prometera em 1930. E a propaganda começou a diminuir. Ao contrário, a publicidade sobre os grandes êxitos do fascismo era muito grande; então os patriotas pensavam que o caminho era o fascismo. É claro que os chefes tinham até ligações com Hitler, deviam receber dinheiro pela embaixada alemã. Mas havia gente ingênua e patriotas equivocados.

O Berger foi mandado para o mesmo isolamento que eu, e lhe mostrei a Constituição do Estado Novo que o Getúlio assinou no dia 10 de novembro, eu disse a ele: “O que será isso? Fascismo?”. Ele me respondeu: “Não, isto é a preparação para a guerra”, porque era a concentração dos poderes, aproximava-se a guerra. E era realmente isso, porque o que simbolizava o Estado Novo foi a queima das bandeiras estaduais. Acabar com a Federação, centralização. Tanto que eu digo que o governo de Getúlio nunca chegou a ser fascista, era um governo reacionário, autoritário. Essa é a minha opinião.

CARONE: *A minha também. Porque eu acho que o Getúlio continua uma tradição brasileira, quer dizer, usando métodos fascistas.*

PRESTES: Os próprios métodos fascistas foram aplicados somente no primeiro ano até depois da Insurreição de 1935. Depois a coisa se acalmou. Depois de maio de 1937, com a Macedada, foram postos em liberdade todos aqueles que não estavam processados. Eu mesmo passei da Polícia Especial para a Casa de Correção, onde minha situação era muito melhor.

CARONE: *Nós vamos voltar à questão das prisões daqui a pouco, quando tratarmos da elaboração da sua idéia de “união nacional”. Mas vamos agora voltar um pouco atrás; o senhor disse que chegou ao Brasil em março de 1935. Teve o primeiro contato com o Miranda depois de alguns dias. Esse contato, esta elaboração da concepção da Aliança Nacional Libertadora e afinal o momento do fechamento da Aliança, 5 de julho de 1935, até a revolução de 1935, é um momento que me interessa muito analisar o mais profundamente possível.*

PRESTES: Quando cheguei aqui o Ghioldi e o Berger já aqui estavam. Já tinham uma casa para os dois, nesta casa é que nós recebíamos o Miranda, nós três juntos. O Miranda falava bem o francês e a Olga traduzia para o alemão, pois o Berger não sabia falar ainda o português. Eu ficava só ouvindo, às vezes dava alguma opinião. O Manifesto de 5 de Julho foi elaborado por mim, sendo de minha inteira responsabilidade, e reflete o que aprendi na União Soviética. Aplicar aqui no Brasil as teses do Comintern, do VI Congresso para os países coloniais e semicoloniais, tanto que levantamos o problema da reforma agrária, da luta contra o imperialismo, etc. e de um governo popular nacional revolucionário. Eu

estava em Paris quando recebi uma comunicação do Va Mim, que havia assumido o Secretariado Latino-americano. Era um companheiro representante da China no Comintern. Eu o conhecia pessoalmente, porque o Sinani, com a perseguição aos trotskistas, já havia sido preso e passou a direção do Secretariado Latino-americano para o Va Mim. Ele me perguntava se, no lugar de um governo soviético, não seria melhor para o Brasil um governo popular nacional revolucionário. Eu fiquei satisfeito com sua opinião, pois o governo soviético era algo muito estreito, muito limitado e não era aplicado às condições brasileiras. Usei essa palavra de ordem em meu Manifesto. O Miranda me apresentou um oficial do Exército, um tenente da engenharia, que dizia que tinha influência em todos os quartéis da Vila Militar, na Marinha, no Batalhão Naval, mas suas informações eram tão vagas quanto as do Miranda. Miranda me dizia que o Partido dominava o movimento operário no Rio de Janeiro, que os postes de Ribeirão das Lages estavam minados e podiam arrebentar e a cidade ficar parada. O Berger já tinha dito ao Miranda que eu tendo sido eleito para a Comissão Executiva da III Internacional, devia ser eleito para o Comitê Central. Eles não tinham tido essa iniciativa, achavam que era a mim que cabia tomá-la. O Miranda achou que eu não devia comparecer à reunião do Comitê Central, em novembro de 1935, porque não havia segurança suficiente. Eu protestei porque queria ir, queria conhecer o Comitê Central, qual era sua composição. Quase não conhecia o Partido, as maiores ligações que eu tinha eram com o Sisson, através de amigos. A Olga tinha contatos com Ivo Meireles, irmão do Silo Meireles, um médico, e um tal de Américo Leite. Eram as duas pessoas que faziam contato com o Sisson, com o Cascata, com as outras pessoas da Aliança Nacional Libertadora. Como é que ela foi fundada? Quando eu aqui cheguei, já tinha sido eleito Presidente de Honra da Aliança Nacional Libertadora. A campanha pela liberdade de Dimitrov foi muito forte aqui no Brasil, e exerceu uma grande influência na “Luta pela Paz”. E na reunião no Teatro João Caetano é que foi fundada a Aliança, em março de 1935, antes da minha chegada. Na verdade, já haviam reuniões para a Aliança desde janeiro. Mais tarde, em abril, houve um comício da Aliança Nacional Libertadora, no qual foi lida uma carta que eu datei em março de 1935, de Barcelona. Na carta eu aceitava a Presidência de Honra e já lançava algumas idéias sobre o programa da Aliança, principalmente o objetivo da revolução agrária e antiimperialista. Posteriormente, o fato que se deu foi o Manifesto de 5 de Julho, que foi lido no Largo do Carioca. Inclusive, parece que quem leu foi o Lacerda, mas ele não era membro do Partido, como muita gente achava, ele era um aliado próximo. Ele não era nem da Juventude Comunista. Getúlio determinou, então, no dia 13 de julho, que a Aliança fosse colocada na clandestinidade. Nós tínhamos um grande número de oficiais que eram simpatizantes da Aliança Nacional Libertadora, que apoiavam mesmo. O presidente era o Cascata, que era um almirante; o Sisson era



Luís Carlos Prestes



Comício da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Rio de Janeiro, 1935. (Iconographia)

também ex-oficial da Marinha, de maneira que a força da Aliança era muito grande. Apesar da clandestinidade, continuavam formando-se grupos pelo Brasil afora. Nós, eu, o Ghioldi e o Berger, reclamamos muito com o Miranda que não houve movimento operário contrário ao decreto de Getúlio que colocava a Aliança na clandestinidade; e ele nos deu explicações muito vagas. Achávamos que o Partido tinha grande influência no proletariado. A primeira informação mais concreta que tive foi no dia 26 de novembro, com uma carta do Barreto Leite.

Recebi a carta já ao meio-dia de 26 de novembro, véspera do levante. O levante começou, como sabe, em Natal, Recife e depois veio o Rio. Nosso trabalho nos quartéis era de agitação. Os soldados faziam agitação quase diária, havia protestos freqüentes. Quando havia movimentos dessa natureza, os comandantes começavam a transferir os sargentos e demais responsáveis por esses levantes. Foi o que aconteceu no Rio Grande do Norte, e o comandante começou a tomar algumas medidas contra os principais elementos dirigentes da base do Partido no quartel. Os elementos restantes compreenderam que estavam perdendo forças e, como estavam com armas nas mãos, resolveram se levantar. Eu havia dito a um companheiro que fora para o Nordeste que transmitisse uma ordem: que não se iniciasse nada no Nordeste sem uma ordem do Centro. Eu tinha medo que a coisa saísse de nosso controle. O Berger esteve em Pernambuco conversando com o Silo Meireles, com o Caetano Machado, que eram dirigentes do Partido em Recife. Voltou de lá muito mal impressionado, pois a atuação deles era a de criar levantes artificiais de camponeses no interior de Pernambuco, coisas feitas fora do contexto de massas, e ele achava que isso era errado. Mas havia o movimento em Natal e eles tomaram o poder... foi instalado o governo popular nacional revolucionário em Natal e durou uns dois dias. Nesses dois dias chegaram reforços militares e eles tiveram que recuar para o interior. A data é 23 de novembro, depois no dia 25 é que levantou-se Pernambuco. O levante foi muito difícil, foi o tenente Lamartine quem

comandou o batalhão; armaram o povo, etc. Eu fiquei numa situação difícil quando soube, pois era simplesmente membro do Comitê Central, o secretário do Partido era o Miranda. Eu não queria dar ordem alguma sem consultá-lo primeiro. Quando consegui contato com ele, ele vacilou no sentido de apoiar o movimento no Norte; então eu disse: “Não podemos deixar os companheiros do Norte sozinhos se temos a força que você nos contou por aqui” – porque ele contava que tínhamos o Batalhão Naval, a Vila Militar inteira, o 3º Regimento de Infantaria. – “Por que não damos apoio e aproveitamos para iniciar a luta?”. E ele afinal concordou, o Berger também concordou. Foi neste dia que eu recebi a carta do Barreto Leite, com umas vinte laudas escritas à máquina, na redação do *O Jornal*, onde ele era repórter. Ele dizia que o Miranda estava nos enganando, que o Partido não tinha coisa nenhuma no movimento sindical, que estava muito fraco e que a classe operária não tinha força alguma e seria um erro se nós lançássemos a luta. Eu conhecia o Barreto Leite, sabia da tendência oportunista dele, de maneira que vi naquilo uma fuga, o medo do movimento militar. O Miranda ficou encarregado de organizar a casa para servir de quartel-general e, mais ou menos, às 10 horas da noite eu fui para esta casa em Vila Isabel, onde ainda nem havia móveis. Eu tinha muito escrúpulo, muito medo que o Miranda achasse que eu estava lutando pela direção, porque depois eu estive vendo que ele tinha um aparelho de autodefesa do posto dele, não do Partido. Quando falei da carta a ele: “Recebi uma carta do Barreto Leite, deixei em casa para lhe entregar”, e ele me respondeu: “Eu já conheço... e ele já está expulso do Partido”. Ele tinha elementos espões dentro do próprio jornal, era seu mecanismo de autodefesa. Depois do movimento de 1935, que foi derrotado, eu mandei ordens para o 3º Regimento, para a Vila Militar, para o Batalhão Naval, para o Regimento do Trifino Correia, em São João Del Rei. A do Trifino foi apreendida pela polícia; na Vila Militar não houve nenhum levante, uns ficaram esperando pelos outros; levantaram-se só os soldados do 3º Regimento, e a deles era que saíssem imediatamente daquela garganta que é a Praia Vermelha e marchassem para o Arsenal da Marinha a fim de apoiar o Batalhão Naval para que pudesse levantar e só depois se dirigissem para o quartel-general do Exército, mandando guardas para o Palácio do Catete e para o Palácio da Guanabara, destacamentos pequenos para essas duas unidades. Mas eles não puderam sair porque a luta foi muito dura dentro do quartel, o comandante e outros oficiais foram presos, muitos se entregaram e mais tarde foram julgados pelo Tribunal, porque o Dutra exigiu que eles fossem a julgamento. Por que os oficiais do 3º Regimento se entregaram? Eles tinham de tomar uma decisão. O Getúlio já estava bastante desmoralizado, e para não apoiar Getúlio contra seus companheiros, eles preferiram se entregar, evitar um derramamento de sangue.



Levante comunista em novembro de 1935, Rio de Janeiro. Agildo Barata assinalado com um “X” (no chão) na primeira fila. (Iconographia)

Isso porque eles não acompanhavam a política nacional, somente os generais é que podiam fazer política.

Estávamos todos, eu, o Berger, o Ghioldi, sob a orientação do VI Congresso da Internacional Comunista, que na minha opinião hoje era completamente errada; o Brasil já era um país capitalista há muito tempo, não podia ser chamado de colonial ou semicolonial. Não era feudal nem era socialista, portanto a revolução era de caráter socialista e não nacional-libertador. Então, nós estávamos criando um Partido nacional-libertador, não um Partido do proletariado; um Partido nacional-libertador é policlassista, tanto que a fluência de elementos esquerdistas foi muito grande, de pequenos burgueses em nosso Partido. E a dificuldade de trabalho nas fábricas, junto à classe operária, foi muito grande. Em 1945 a classe operária ainda era analfabeta, em grande parte em São Paulo. Deixava-se dirigir pelo patrão, quando não pelo Getúlio. Quando o Getúlio apoiou a candidatura do Dutra, muito operário honesto, em São Paulo, foi à sede do Partido dizendo que o Sr. Getúlio e o patrão tinham mandado votar no Dutra e que ele ia obedecer. Por outro lado, todo jovem filho da burguesia ou da pequena burguesia era naturalmente antiimperialista. O único partido que tinha uma posição antiimperialista era o nosso, então afluíam para o nosso Partido. E esse jovem, intelectualizado, rapidamente assumia os postos de direção do Partido e trazia consigo sua ideologia pequeno-burguesa que continuava crescendo dentro do Partido. Chegamos a 60 anos sem um Partido realmente do proletariado; hoje temos a direção assaltada por elementos direitistas. Hoje não fazem autocrítica, as teses que publicam agora para o VII Congresso são repetição piorada do VI.

CARONE: *O que eles defendem hoje é coisa da década de 40.*

PRESTES: A minha carta não foi um ato, como se diz, momentâneo. Foi fruto de todo um trabalho que vinha desde 1968. Em 1967, em dezembro, realizou-se o VI Congresso, em condições muito difíceis, porque membros da direção da Comissão Executiva do Partido tinham se lançado à luta armada, e nós achávamos que não havia condições para luta armada naquele momento. A prática mostrou que não havia condições para luta armada naquele momento. A prática mostrou que nós estávamos certos. A classe operária em 1964, com o movimento nacionalista e o nosso Partido, foi derrotada sem luta, que é a pior derrota. A classe operária fugia da luta armada.

Muito poucos operários afluíram, e eram nomes de prestígio. O Marighela era o comunista mais conhecido no Brasil depois de mim. O Mário Alves era um rapaz até de talento, que estudou na União Soviética, mas era exasperado. Basta dizer o seguinte: ele visitou Cuba em 1960 ou 1961; quando ele voltou, nos dizia assim: “Cuba, aquela pequena ilha, já se libertou e nós aqui no Brasil não nos libertamos”. A questão não depende do tamanho do país e da sua população... parece incrível que um homem de talento e culto tenha dito uma coisa dessa. Em 1968, então, o VI Congresso realizou-se na luta contra a ultra-esquerda, e tivemos então o apoio de muita gente oportunista, que participou do Congresso e que foi eleita para o Comitê Central. Elementos direitistas foram eleitos. Minha posição era de manter a unidade do Partido, conciliando com as posições de direita. Depois, com as prisões que se deram aqui em 1974 e 1975, nós conseguimos retirar o companheiro Giocondo daqui com toda segurança, com a ajuda de partidos estrangeiros. Depois da prisão de Bonfim, Giocondo era a pessoa que a polícia mais procurava.

Reunimos então em 1975, pela primeira vez, o Comitê Central no estrangeiro. Aí as discussões começaram a se acentuar e começou a surgir o eurocomunismo. A tendência eurocomunista dirigia a *Voz Operária*, o Guedes era o secretário de propaganda. No ano seguinte, eu apresentei um documento advertindo eles, que estavam tomando posição errada, mas eles não me deram ouvidos. Em 1979 eu decidia que não era mais possível continuar; nós estávamos cometendo um crime contra a classe operária. Então, propus o seguinte: que a resolução do VI Congresso estava superada, e eu disse mais, que ela estava errada já na própria época em que foi feita. Eu fui um dos autores dela, assumo a responsabilidade e faço essa autocrítica. E propus ao Comitê Central que fizéssemos um outro documento, até que o Congresso pudesse ratificar o antigo ou corrigi-lo. Mas fui batido completamente. A partir daí, eu vi que não tinha mais condições de continuar no Comitê Central e não mais participei dele.

CARONE: *Os quatro plenos tomam posição eurocomunista?*

PRESTES: Não. O eurocomunismo era combatido. O Guedes ficava muito isolado no Comitê Central. Consegui influir consideravelmente na redação da Resolução de Novembro de 1978 do Comitê. Foi aprovado, pelo seguinte: o Hércules tinha publicado um artigo no *Diário de Portugal*, que é o jornal de massas do Partido Português, em que ele diz que nós comunistas lutamos pela democracia burguesa. Isso foi muito criticado, então o Guedes, a *Voz Operária*, passou a falar só de democracia em geral. Ora, a democracia em geral é a democracia abstrata, é a democracia burguesa. Então incluí nesta Resolução de Novembro de 1978 um capítulo sobre a “democracia por que lutamos”, em que eu digo que nós comunistas lutamos pela democracia socialista. Há outros conceitos de democracia, o que não impede que haja frente única na luta contra a ditadura. Essa é, em síntese, a orientação que destacou-se nesse documento. Mas esse documento, logo em seguida, foi substituído por outro que é a negação dele. É um documento contra o qual eu protestei, reagi, mas que mesmo assim foi aprovado pelo Comitê Central. Todo o Partido compreendeu que era uma negação da resolução anterior. E eu disse ao Comitê Central: “É possível que a Resolução de Novembro de 1978 ainda não tenha chegado às bases do Partido. Nós temos que fazer um balanço da aplicação dela para depois então fazer outra resolução”. Mas a insistência era muito grande e havia um desejo de me derrotarem. É uma crise de Partido original. Porque eu conheço o movimento comunista internacional, que eu acompanho desde 1932 bem de perto, e nunca vi uma crise semelhante: o secretário-geral, que é quem fala pelo Partido, ficar isolado dentro do Comitê Central, como eu estava naquele momento. E foi isso que me levou a essa carta. Em 1971 eu fui obrigado a sair do Brasil. De 1964 a 1971 eu fiquei aqui, clandestino. Muita gente pensava que eu já havia saído do Brasil. O Ministro da Aeronáutica mesmo espalhou a notícia que com o golpe de 1964 eu havia saído a galope do país. Mesmo na clandestinidade, eu ia às reuniões do Comitê Central e fui à Europa mais de uma vez – tínhamos a organização da fronteira para poder passar com segurança –, estive na Conferência Internacional de 1960, conferência dos Partidos Comunistas do mundo inteiro, que se realizou em Moscou. Voltando aos dias de hoje, os jornalistas já sabiam que havia divergências no Comitê Central, porque o *Jornal do Brasil* tinha publicado um suplemento com entrevistas de quatro pessoas, inclusive da minha filha. E nota-se ali que há divergências, pois cada um tem um ponto de vista diferente. Eu dei uma entrevista na ABI, no dia seguinte ao

que cheguei, ou dois dias depois, dizendo: “Não vou debater nem polemizar sobre a situação interna do Partido na imprensa burguesa”. Essa era minha posição, pois eu esperava que ainda fosse possível um debate interno. Em uma página do *Jornal do Brasil* de 3 de fevereiro de 1980 aparece, então, uma entrevista do Giocondo, do Malina e do Hércules, e no cabeço da página, um senhor, um suposto dirigente que não se dá o nome, lança calúnias a meu respeito. Uma delas é ele dizer que não sabia por que eu divergia. Em 1979 eu tinha levantado a necessidade de se modificar a Resolução do VI Congresso que estava superada. A segunda calúnia era que eu era a favor de uma frente de esquerda contra a frente ampla contra a ditadura. Eu sempre achei que contra a ditadura devemos unir todos aqueles que querem dar um passo conosco na luta. O que houve é que quando cheguei ao Brasil eu compreendi que havia numerosos grupos hoje que lutavam pelo socialismo, não era só o nosso Partido. A nossa tarefa, portanto, devia ser a de unir todas essas forças como uma Frente de Esquerda dentro da Frente Ampla, como um motor. Seria uma força motriz importante. Eu sabia que era tarefa muito difícil, porque as divergências se aguçaram, havia questões pessoais. Mas um dever nosso é fazer coisas difíceis mesmo neste país, senão o Partido Comunista não era mais necessário. Havia, então, muitas coisas contra mim. Para mim, na minha idade, seria muito mais fácil me acomodar como secretário-geral no Comitê, etc.

Alguns entenderam uma parte de minha carta, outros entenderam outra, mas poucos foram à profundidade da divergência ideológica, que é incompatível com qualquer conciliação. O maior conciliador que há neste CC é o Dias, é o Giocondo. Nisso, ainda agora o camarada Brejnev, no informe que deu ao XXVI Congresso, empregou uma frase que parece até dedicada a nós: “As divergências entre comunistas devem ser resolvidas com espírito de camaradagem, salvo se se trata de questões de princípios, entre revolucionários e reformistas, entre marxistas criadores e oportunistas ou dogmáticos e aventureiros. Nestas questões de princípio não pode haver nenhuma conciliação, agora como no tempo de Lênin”. Nessas questões não pode haver conciliação, um tem de ser superado. Principalmente porque a experiência internacional mostra que toda direção que toma uma posição de direita assim aberta, oportunista de direita, se ela não é combatida, leva inexoravelmente à traição da classe operária. A traição da classe operária é a derrota. Isso era contra a minha própria dignidade pessoal, e quando se trata de problemas de dignidade pessoal, muitas vezes não se é compreendido. Veja, por exemplo, o prefácio que o Faoro escreveu para este livro. Ele não compreende isso, é um oportunista, um pragmático e acha que é impossível uma pessoa que tem certo prestígio romper tudo isso por uma questão de princípios, por uma questão de dignidade pessoal.

Eu não tenho nada a ver com este livro. Eu dei as gravações aos rapazes porque fiquei com pena deles, estavam sem trabalho, vieram me pedir e a coisa se prolongou. Fizeram uma gravação, depois pediram outra, depois outra, e acabaram fazendo o livro às pressas. De maneira que tem muita coisa errada.

Mas voltando um pouco, ainda quero lhe dizer um fato: depois do movimento de 1935, o primeiro número da *Classe Operária* que foi publicado não dizia uma palavra sobre o movimento. O Miranda pensava em passar uma esponja. O secretariado protestou então no outro número, falando alguma coisa sobre o movimento.

CARONE: *Só uma pergunta para terminar a parte de 1935. O senhor contou que a Aliança, no momento em que o senhor e o Berger vieram, era uma frente antifascista, antiimperialista. Depois do fechamento da Aliança, qual é o primeiro momento em que passa-lhe pela cabeça a idéia da revolução?*

PRESTES: Já se falava nisso, principalmente o Miranda já insistia sobre o assunto. Mas nós dizíamos que era necessário travar lutas mais sérias ainda. Eu me lembro que tenho uma carta do Sisson de quando houve um choque muito violento entre comunistas e integralistas em Petrópolis em 1935.

CARONE: *Eu me lembro... foi uma greve que houve lá em Petrópolis e as pessoas saíram gritando "viva a Aliança Nacional Libertadora", passaram por uma sede de integralistas que atiraram pedras ou... houve tiros, e então um conflito grave.*

PRESTES: O Sisson levantava nessa carta que ele mandou que já era o momento da insurreição. Eu escrevi a ele que só depois de muitas Petrópolis é que podiam surgir os dirigentes, os líderes de massa. Foi quando dei aquela recomendação para o companheiro nosso que foi para o Norte, que nada começasse por lá sem ordens daqui do Sul. Eu pensava que o programa tinha de ser mais demorado, mas a reunião do CC em novembro já foi de preparação para a luta armada. Mas não foi o Secretariado Latino-americano que tomou essa decisão, foi o Comitê Central.

CARONE: *Bom, o Comitê Central se reuniu, o Miranda negou sua participação, não quis que o senhor comparecesse. Quem apareceu foi o Ghioldi. Ovi dizer que ele era favorável à revolução. O Comitê marcou data para a revolução?*

PRESTES: Ghioldi ficou entusiasmado com a Resolução do CC. Ele conversou comigo quando voltou e, naturalmente, era favorável à luta armada. Ele dizia que tinha quadros muito bons, que tinha ouvido os discursos de todos, estava integralmente de acordo, mas essa era uma posição pessoal dele. O Berger também compareceu a essa reunião e foi um grande erro, pois lá ele fez um informe sobre a Grande Marcha na China – já que tinha sido assistente do Comintern na China –, e isso fez com que sua prisão fosse decretada, pois chegou ao conhecimento da polícia. Descobriram, com ajuda do Intelligence Service, nos Estados Unidos, onde Berger havia morado durante muito tempo, que ele mudara de documento várias vezes, até chegar ao Brasil.

Depois da reunião, o Miranda mandou me chamar para conversar com dois companheiros que iam para o Nordeste, e a impressão que eu tive foi de um grande atraso... eu não sabia como essa gente podia ser dirigente do Partido nos estados do Nordeste. Foi uma impressão contrária a de Ghioldi. O trabalho foi espontâneo no Nordeste. Acho que no Rio Grande do Norte o que houve foi espontaneidade devido à forma de trabalho que fazíamos nas Forças Armadas, porque nelas o verdadei-



Levante comunista de 1935. Forças legais em assalto ao 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1935. (Iconographia)

ro trabalho do Partido era de propaganda, de ganhá-las para apoiar a classe operária quando houvesse levante. E não fazer agitação, porque viria a tornar-se uma quartelada.

Aqui no Rio, no dia 27, o governo já estava de prontidão, e depois tivemos a informação de que houve pessoas que informaram. Hoje é sabido que Pedro Ernesto informou Getúlio sobre o levante. Ele era considerado um aliado, mas vacilou na hora e contou a Getúlio.

CARONE: *Vamos voltar a 1941, 1942, 1943, isto é, ao momento em que o senhor elaborou a idéia de "União Nacional". Isso me interessa muito porque, naturalmente, com a sua formação, sem a concepção que o senhor tinha da evolução da sociedade capitalista e da situação interna no Brasil, da luta contra o fascismo, como isso foi levando gradativamente a essa mudança de concepção? Vamos chamar de aliancista, isto é, de uma concepção do operariado isolado, tomando o poder por si próprio, para a idéia de uma "União Nacional".*

PRESTES: Isso se deu depois que o Brasil rompeu relações com a Alemanha, em 1942, quando alguns navios brasileiros foram postos a pique na costa. A massa levantou-se aqui no Rio de Janeiro e foi para o Palácio Guanabara. No primeiro momento, Getúlio ainda ganhou tempo, mas depois o movimento continuou e ele então rompeu relações com o Eixo. Havia aqui a Liga de Defesa Nacional, era uma organização conservadora, mas que tomou posição através do movimento de massa que nós dirigíamos, foi o Partido que dirigiu, que começou a fazer a luta para a ruptura, para a declaração de guerra contra a Alemanha. Criaram-se então duas correntes no Brasil: uma sugeria que mandássemos tropas para a Itália para lutar contra o nazismo; outra, que era dirigida pela UDN, dizia que não podíamos mandar tropas sem primeiro acabar com o fascismo no Brasil. Eles chamavam o Getúlio de fascista. O senhor sabe que nesta época apareceu a Carta dos Mineiros, a entrevista do José Américo. A preparação dos 20 mil homens que foram para a Itália levou mais de um ano. Nesse ínterim, muita gente começou a tomar posição golpista contra Getúlio. Já se preparava o golpe contra ele, dirigido principalmente pelo Embaixador Berle. Essa Carta dos Mineiros, por exemplo, era de pessoas solidárias ao Estado Novo, que viraram democratas da noite para o dia, e a posição deles era que devia se combater o fascismo primeiramente no Brasil. Nesta época também chegou o Fernando Lacerda ao país, com idéias liquidacionistas, porque era a posição do Codovilla, com quem ele havia conversado muito e com quem concordava que existiam policiais infiltrados em tudo que era clandestino no Brasil. A verdade é que não era viável a existência de um Partido Comunista no Brasil com o Estado Novo sem que esse partido fosse clandestino.

Eu só conheci essas idéias em 1944, quando Néelson de Melo era chefe da polícia e conspirava contra Getúlio, tanto que ele foi afastado por Getúlio da chefatura e em seu lugar entrou Araújo Góis, que era político paulista. O Getúlio já sabia da minha posição, pois desde que o Brasil declarou guerra contra a Alemanha, minha posição era de apoiar o governo no sentido da guerra e exigir, ao mesmo tempo, liberdades democráticas aqui no Brasil. Isso era complicado, mas tinha de ser feito através do movimento de massas. Disso ele sabia porque eu tinha contato com Orlando Leite Ribeiro, que era um homem seu. Mande inclusive, na época em que estava preso, em 1941, minha opinião de que Hitler tinha de invadir a União Soviética por causa do petróleo e também do trigo.

Nós do Partido combatíamos a guerra imperialista. Só começamos a apoiar os próprios países que estavam lutando contra o nazismo depois que atacaram a

União Soviética. Tínhamos que apoiar a União Soviética e tomar posição aberta contra o nazismo. Eu, portanto, não cedia tudo ao Estado Novo de Getúlio... o fundamental era apoiar a tropa que ia para a Europa. Mas Getúlio estava com medo e abriu minha prisão em 1945, quando o golpe estava para acontecer. Todos que lá me visitavam tinham a posição que o fundamental era combater Getúlio e não a unidade com Getúlio. Caio Prado esteve lá comigo, Schemberg também, Carlos Drummond de Andrade, intelectuais, jornalistas, antigos membros do Partido. E eu tentava mostrar a todos que estavam equivocados. O próprio Astrogildo caiu nessa também, dizendo: “Acabo de assinar um manifesto da ABI apoiando a candidatura do Brigadeiro”. Eu disse: “Mas Astrogildo, onde é que você está com a cabeça? O Brigadeiro é candidato do imperialismo, dos que não querem que o Brasil continue a luta contra o nazismo”. E ele compreendeu, e isso se tornou claro naquele discurso que o Berle fez em Quitandinha, no dia 1º de outubro de 1945. Nessa data foi também meu primeiro comício em Porto Alegre, quando eu ataquei o Berle contra a sua intervenção nos assuntos internos do Brasil, porque ele chamava abertamente para a luta contra o Estado Novo.

CARONE: Pelo que o senhor está dizendo, esta idéia de “união nacional acompanhada de liberdades democráticas”, de abertura, foi um pensamento que o senhor foi elaborando gradativamente, foi se afirmando a partir da declaração de guerra em 1943...

PRESTES: Desde agosto de 1942 eu estava num grande estado nervoso. Dentro da prisão, diante da vacilação dos dirigentes de massa ao exigir do Getúlio a ruptura de relações com a Alemanha. Eles chegavam lá no Palácio Guanabara, deixavam-se levar pelas promessas de Getúlio e levaram três ou quatro dias até romperem as relações. Eu tinha planos também sobre, por exemplo, como conseguir recursos para o Brasil participar da guerra.

CARONE: O senhor foi tomando essa posição, foi se definindo. E o grupo – vamos chamar de grupo baiano e grupo do Rio, o Amarelo de Vasconcelos, o Grabois, etc. Mas vamos dizer que eles tivessem tido conhecimento dessa posição sua. O que diferenciava a sua posição da desse grupo? E como esse grupo acabou aceitando a sua idéia?

PRESTES: Este grupo é a CNOB. Formou-se aqui e havia resto do Partido em outros estados. Eu li, por exemplo, aqui, aquele depoimento que o senhor transcreve neste livro do João Cunha. Pelo que me disse ontem compreendi que é o Falcão.

O que ele disse ali sobre a Bahia é um proselitismo baiano muito exagerado. A *Seiva* não teve aquela influência nem aquela colaboração de toda aquela gente. Eu li alguns números da *Seiva* que o Leite Ribeiro me levava e não há dúvida que foi a primeira publicação contra o Estado Novo. Mas, por exemplo, a direção do Partido da Bahia não estava nas mãos de Falcão e outros, mas sim nas de um operário, um trabalhador, analfabeto quase, que vivia na clandestinidade e que se ligou com o Dias. Então esses dois é que dirigiam o Partido e não toleravam o Arruda. Quando houve a Conferência da Mantiqueira, que foi convocada pelo CNOB, o Arruda se apresentou como delegado da Bahia, o que ele não era, porque tinha sido funcionário do Ministério do Trabalho, tinha sido preso e rapidamente libertado porque era sobrinho do cônego Arruda Câmara. Então havia muita desconfiança contra o Arruda na Bahia e não o aceitavam no Partido. E ele se apresentou como delegado do Partido da Bahia e do Partido de São Paulo. E em São Paulo não havia Partido algum. O único homem que tinha alguma coisa



Campanha do Partido Comunista Brasileiro em São Paulo, 1945. À direita, José Maria Crispim. (Iconographia)

no Pacaembu. Eu dei a volta pelo estádio, foi um grande acontecimento. Infelizmente, foi muito sectário, porque a “Homenagem a Prestes”, que era o título da festa, tomou um caráter muito partidário, porque era PCB por toda a parte, a foice e o martelo, etc. Tanto que o Monteiro Lobato, que tinha prometido que compareceria, não apareceu; o máximo que ele fez foi mandar uma pequena carta que foi lida no comício.

CARONE: *Acontece então que a sua posição de “união nacional” seria de “união nacional com Getúlio e liberdades democráticas”. Do CNOP seria “união nacional com Getúlio”, mas não se falava nada de democracia.*

PRESTES: Tanto que para eles era “Getúlio agora e posteriormente”. Eu combatia isso. Isso está na Resolução de Agosto de 1945, no pleno de Vitória, onde eu faço a crítica das posições. Não se falava em reforma agrária, se retirou essa palavra de ordem, e aquela que se levantava era a industrialização do país. Era apoio à burguesia para industrializar o país. Isso é o que está na Resolução de Agosto de 1937, Comitê Central dirigido pelo Bangu, que era secretário do Partido nessa época.

CARONE: *O Miranda foi preso em 1935.*

PRESTES: Não. O Miranda foi preso no princípio de janeiro de 1936. O Bangu, não. Devido ao arbítrio do Miranda, houve um choque de opiniões entre ele e o Miranda antes do movimento de 1935. Então ele deslocou o Bangu para a Bahia. O Bangu foi preso somente em 1940. Eu fui acareado com os que foram presos em 1940. Tentaram acarear, naquela noite em 10 de julho, quando Hitler entrou em Paris... foi o acontecimento de maior repercussão aqui no Brasil: a tomada de Paris. Naquela noite, mais ou menos em torno de meia-noite, o Caneppa me avisou que estava sendo chamado na polícia, e que eu me preparasse, levasse meus objetos pessoais, pois certamente passaria muito tempo lá. Chegando lá me colocaram numa pequena sala no quarto andar, onde era a “Ordem Política e Social”, onde encontrei uma cadeira e uma mesa com os jornais do dia com chamadas enormes sobre a tomada de Paris, isso para me impressionar. Calmamente eu me

organizada em São Paulo era o chamado Martinzão, que era um camponês. Depois de 1935 ele dirigiu uma luta insurrecional no sul da Bahia, que foi esmagada rapidamente. Depois ele foi para São Paulo, e lá tinha uma base, não um Partido. Quando eu saí da prisão em 1945 e foi fundado o Partido, o Milton Cayres de Brito para secretário, na sede do Partido havia fila pedindo inscrição. Depois o Partido que foi criado em São Paulo fez uma grande manifestação

sentei e comecei a lê-los. Um policial afobado entrou na sala, preocupado porque tinham deixado uma janela aberta... pensou que eu fosse me suicidar, ou queria me sugerir o suicídio. Mais tarde, fui levado a outra sala, onde estavam os presos de 1940, Bangu, Xavier, Honório de Freitas, todos sentados. O delegado que estava ao meu lado – parece que era um tal de Julião – chamou o Bangu e disse: “Senhor Bangu, então diga agora o que o senhor sabe sobre os acontecimentos... [defeito na gravação] o que o senhor disse e o que vai dizer agora na frente de seu chefe aqui”. Aí o Bangu levantou-se, para minha surpresa, e começou a teorizar, dizendo que ele era comunista e como comunista ele dizia a verdade – imagine! – “só ia dizer a verdade”. Quando eu ouvi ele dizendo essas coisas eu pensei: “O que eu vou fazer para calar a boca deste cidadão?”; a única coisa que eu podia dizer foi o seguinte: “Usando essa linguagem e procedendo dessa maneira, você vai apanhar muito”. Então me retiraram da sala e não houve acareação. Me levaram à presença do delegado da Ordem Política e Social que era um tenente-coronel do Exército... passei uma descompostura nele, mostrei-lhe as tradições do Exército, de Benjamin Constant, de Siqueira Campos, e ele se prestando ao papel de torturador, de perseguidor de comunista... Ele ouviu calado, começou a querer fazer ataques à União Soviética, depois me retiraram e o Canepa ficou muito assombrado porque rapidamente eu voltei para a prisão, pois quando se toma a posição ofensiva eles vêem que não há possibilidade de conseguir nada.

Eu não lhe contei sobre a semigreve que fiz na prisão? Em 1938, o Canepa, desconfiando do preso que me levava comida – que era um homem muito hábil, um ladrão –, começou a persegui-lo, mandando que o revistassem. Não conseguindo descobrir nada com ele, substituiu-o por um homem que veio do Presídio da Ilha Grande. A tarefa dele era me fiscalizar, ver se os guardas que ficavam de vigia não conversavam comigo... muitos deles haviam já sido expulsos porque haviam conversado comigo. Tomei a resolução que não iria aceitar comida alguma vinda das mãos dele, pois ele era muito sujo. Passei então a viver somente de uma garrafinha de leite que traziam e um pão que vinha em um envelope selado. Essa foi minha greve, de janeiro de 1938 a agosto de 1941. Fiquei muito magro, e em agosto de 1941 o Canepa substituiu o homem. Todos acabaram se dando mal, inclusive alguns guardas que foram expulsos porque passavam informações para mim. Quando o Orlando Leite Ribeiro passava por lá, o Canepa dizia a ele: “Olha, você está chegando aqui e ele já sabe que você chegou”. Uma das vezes, o Orlando me levou um aparelho de rádio, mas ele demorou a chegar em minhas mãos, pois estava na oficina da Casa de Correção para serem retiradas as ondas curtas – que eram as que me interessavam para que eu pudesse ouvir a BBC. Escrevi então um bilhete ao Canepa dizendo que ele não tinha o direito de meter as patas no que não era dele, que ele consertasse o rádio e o devolvesse para o tenente Leite Ribeiro, pois eu não ia aceitar o aparelho alterado. Assim, ele já sabia que eu obtinha informações ali dentro, pois sempre ficava sabendo das coisas.

Uma certa ocasião, cheguei a brigar com um guarda, pois havia proibição de falar com o Berger, e ele estava muito mal, gritava a noite toda de dor, e eu falava com ele em alemão, em inglês, para poder acalmá-lo. Quando um guarda era bom, deixava, mas esse não era. Então o Canepa, quando havia um incidente assim, me tirava tudo, lápis, papel, livros, tudo. E eu ficava fechado no cubículo, às vezes, três meses sem coisa alguma, não podia nem escrever as cartas regulares e costumeiras – coisa que fazia toda semana – à minha mãe. Nessas ocasiões, um

guarda avisava a ela de minha situação, para que ela não se assustasse. Onde ela estava, no México, fazia um escândalo, os operários, os sindicatos, iam todos à Embaixada Brasileira protestar com o embaixador, que era o Carlos Lima Cavalcanti, que dizia a eles que eu não estava condenado por crime político, mas por crime comum. Minha mãe era muito combativa, tem uma correspondência interessante entre ela e Sobral Pinto em que os dois discutem sobre minha situação. Ela dirigia uma campanha muito séria pela minha libertação, visitando muitos países da Europa para conseguir apoio. As notícias que eu ouvia da Europa naquela época eram muito duras: o avanço do fascismo, a Etiópia, Hitler entrava na Áustria, depois o ataque à Tchecoslováquia, à Polônia, depois as próprias derrotas do Exército Soviético retirando-se para Moscou.



Da esquerda para a direita: José Joaquim Silva, Luís Carlos Prestes e Cap. Orlando Leite Ribeiro. (Iconographia)

O Getúlio queria mandar um jornalista para me ouvir na prisão, mas isso foi só no dia 27 de novembro de 1941. Eu ainda estava muito magro, mas já estava comendo. O jornalista era natural do Equador, mas escrevia para um jornal do Chile. Nesse dia, as tropas de Hitler estavam em Moscou. Eu estava muito tempo sem falar com ninguém, de forma que, quando o jornalista chegou lá com o Leite Ribeiro, comecei a fazer uma exposição de como eu via a situação, principalmente a guerra. E o homem arregalou os olhos quando eu disse alguma coisa sobre a luta na União Soviética. E

ele: “O senhor ainda acredita que a União Soviética possa ganhar essa guerra? Que o Hitler possa ser derrotado?”. Eu disse: “Eu não tenho a menor dúvida, pois estive na União Soviética e sei que o povo de lá absolutamente não aceitará o fascismo. Eles vão responder a isto”. Ele me chamou de fanático. Fez então uma entrevista que o *Jornal do Comércio*, aqui no Rio, publicou. Dez dias depois, em 7 de setembro, o contra-ataque soviético fez Hitler recuar de Moscou e ele aí já tinha mandado até pedras para construir o monumento da vitória. O apartamento em que vivo, em um grande edifício da rua Gorki, foi construído com essas pedras...

CARONE: Não diga!

PRESTES: Eram para o monumento da vitória que Hitler ia construir em Moscou. Foi construído por soldados alemães. Eles trabalharam como operários para construir esse edifício.